

Universidade de Taubaté - UNITAU
Júlia Mari Nascimento de Lima

**PROJETO DE UM ESPAÇO PARA EXPOSIÇÃO INTERATIVA NA
CIDADE DE TAUBATÉ/SP**

Taubaté - SP
2018

Júlia Mari Nascimento de Lima

**PROJETO DE UM ESPAÇO PARA EXPOSIÇÃO INTERATIVA NA
CIDADE DE TAUBATÉ/SP**

Projeto de Pesquisa para o desenvolvimento do Trabalho de Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Taubaté, elaborado sob orientação da Prof^a. Dra Maria Dolores Alves Cocco.

**Taubaté - SP
2018**

**Ficha catalográfica elaborada pelo
SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas / UNITAU**

L732p Lima, Júlia Mari Nascimento de
Projeto de um espaço de exposição interativa na cidade da
Taubaté/SP. / Júlia Mari Nascimento de Lima. - 2018.
75f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté, Departamento de
Arquitetura e Urbanismo.

Orientação: Profa. Dra. Maria Dolores Alves Cocco. Departamento de
Arquitetura e Urbanismo.

1. Espaços expositivos. 2. Edifícios históricos. 3. Exposição imersiva.
4. Taubaté. I. Título.

CDD – 725.8

Elaborada pela Bibliotecária (a) Angelita dos Santos Magalhães – CRB-8/6319

FOLHA DE APROVAÇÃO

Júlia Mari Nascimento de Lima

PROJETO DE UM ESPAÇO PARA EXPOSIÇÃO INTERATIVA NA CIDADE DE TAUBATÉ/SP

Relatório Técnico de pesquisa realizada para o desenvolvimento do Trabalho de Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Taubaté, elaborado sob orientação da Prof^a. Dra Maria Dolores Alves Cocco.

BANCA EXAMINADORA

Professores avaliadores:

Professora Orientadora Dra. Maria Dolores Alves Cocco

Professor Orientador Antônio Cláudio Testa Varallo

Arquiteta convidada Marli Aparecida Perim

Taubaté, 12 de dezembro de 2018.

*“Quero ser arte...
Ser a pintura mais enigmática de todos os tempos
Ser um templo grego, que resiste aos milênios,
e que conta a história de uma Era
Ser a Nona Sinfonia de Bethoven
Ser teatro e a dança mais envolvente
Quero ser a escultura onde o toque parece real,
Quero ser literatura, cinema e poesia
Quero ser arte, porque sem ela eu não existo”*

Júlia Mari.

AGRADECIMENTOS

A faculdade de Arquitetura e Urbanismo a minha devida gratidão, esses cinco anos me fizeram outra pessoa, uma pessoa melhor.

Aos professores que me despertaram um lado criativo e me mostraram como a arquitetura é incrível. Obrigada por transmitir todo o conhecimento que puderam em aulas e viagens que fizeram toda a diferença na minha formação. Agradecimento em especial a minha orientadora Dra. Maria Dolores Alves Cocco, por ter acreditado no meu trabalho, me dando ideias e fazendo meu trabalho melhorar cada vez mais e pelo ano de trabalho e crescimento. Foi um prazer.

A minha mãe Sandra Lima, por todo o amor e suporte nesses 5 anos, pela calma que muitas vezes conseguiu passar para mim, por todas as conversas e conselhos e por passar a noite acordada comigo me ajudando a terminar maquete. Me inspiro em você. Ao meu pai Luiz Paulo, se não fosse por ele eu nem estaria escrevendo esse agradecimento, tenho imenso orgulho de você pai. Ao meu irmão Matheus Krausi, que me inspirou muitas vezes pela sua garra e espírito empreendedor, você vai longe. Obrigada Julien Bouyer que mesmo longe sempre me deu muito suporte e foi meu motivo para ter forças até o final. Eu amo muito vocês e tenho muita sorte.

Agradecimento especial a minha amiga Anne Carlini de Oliveira, que me introduziu ao mundo da Arquitetura e mesmo depois do Ensino médio, seguimos juntas para a faculdade e tenho certeza que é para a vida toda, mesmo nossas vidas tomando rumos diferentes. As minhas amigas Daniele Romeu, Angélica Yamamoto e Melissa Prado, cada uma com seu jeitinho especial que me inspirou ser uma pessoa melhor. Obrigada por todos os trabalhos em grupo, todas as risadas e por deixar os meus dias mais leves, vou levar vocês para minha vida toda, foi um prazer compartilhar 5 anos com vocês minhas amigas. Essa amizade “Deu Rock”.

Obrigada Deus, o maior arquiteto do mundo, por sempre me mostrar a luz quando eu achava que não iria encontrar mais, por ser minha força maior e pelo poder da vida.

Por fim, obrigada 5º Arte, por me deixar fascinada com toda sua nobreza.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar espaços expositivos e a dinâmica que acontece entre obra exposta/visitante, como forma de subsídio teórico para a elaboração de forma adequada e estratégica de um projeto arquitetônico em um edifício histórico na cidade de Taubaté, estado de São Paulo. Fatos históricos e referências nacionais e internacionais sobre espaços museológicos e expositivos, serviram como forma de modelo para a proposta. A elaboração da pesquisa iniciou-se pelo exame de artigos científicos sobre o tema principal e a leitura sobre o emprego da tecnologia como auxiliador nos espaços expositivos nos dias atuais; as maneiras de se expor uma obra de arte; o estudo sobre o desenvolvimento desses espaços ao redor do mundo; as novas formas de se expor, originando espaços expositivos interativos e imersivos; a análise de projetos que integram áreas expositivas em edifícios históricos de forma a não causar impacto sobre a construção e não modificando sua história inicial; levantamento e análise de museus e espaços expositivos na cidade de Taubaté e levantamento de edifícios históricos com potencial para abrigar um espaço de exposições interativas e imersivas mais precisamente em sua área central e como se dá a relação desses edifícios com o meio urbano e como está inserido na cidade.

Pelo estudo realizado, entendeu-se que o espaço expositivo precisa se adequar as limitações do ambiente edificado e o projeto deve ser capaz de integrar o edifício e seu novo uso de forma harmoniosa, favorecendo ambas as situações.

Palavras-chave: Espaços expositivos, Edifícios históricos, Exposição imersiva, Taubaté.

ABSTRACT

The present work aims to study exhibition spaces and the dynamic that happens between exposed work/visitor, as a theoretical subsidy for a strategic form of an architectural design in a historic building in the city of Taubaté, state of São Paulo. Historical facts and national e international references on museological and exhibition spaces served as a model for this proposal. The elaboration of the research began by the analysis of scientific articles on the main subject and the reading on the use of technology as a helper in the exhibition space in the present day, the ways of exposing a work of art; the study on the development of these spaces around the world; the new ways of exposing theses works, giving rise to interactive and immersive exhibition spaces; the analysis of projects that integrate exhibition areas in historical buildings so as not to have an impact on the construction and not to modify the initial history; survey and analysis of museums and exhibition spaces in the city of Taubaté and survey of historic buildings with potential to house an area of interactive and immersive exhibitions more precisely in its central area and how the relationship of these buildings with the urban environment and how it is inserted in the city.

Through the study, it was understood that the exhibition space needs to adjust the limitations of the built environment and the project must be able to integrate the building and its new use in a harmonious way, favoring both situations.

Keywords: Exhibitions spaces, Historical buildings, Immersive exhibition, Taubaté.

RELAÇÃO DE FIGURAS

Figura 1: Organograma de metodologia.....	4
Figura 2: Mapa de localização via satélite - L'Atelier des Lumières.....	12
Figura 3: Antiga fábrica de fundição Chemin-Vert.....	13
Figura 4: Centro de arte digital na antiga fábrica de fundição.....	13
Figura 5: Esquema da reestruturação da antiga fábrica.....	14
Figura 6: Mapa de localização via satélite – FIESP.....	15
Figura 7: Torre e térreo Centro Cultural FIESP.....	16
Figura 8: Organização interna do FIESP.....	16
Figura 9: Galeria Digital.....	17
Figura 10: Ciclovía inspirada no quadro “Noite estrelada” do artista Van Gogh.....	18
Figura 11: Instalação LEDS na Ciclovía Van Gogh.....	19
Figura 12: Centro Cultural Red Bull Station.....	20
Figura 13: Área expositiva do Red Bull Station.....	21
Figura 14: Terraço com marquise metálica.....	21
Figura 15: Entrada Museu do Futebol no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho - Mapa de localização.....	23
Figura 16: Painéis digitais projetando jogadores brasileiros icônicos.....	24
Figura 17: Telas contando a história do futebol através do tempo.....	24
Figura 18: Área aberta com visão para o campo de futebol.....	25
Figura 19: Mapa de Localização, Museu do amanhã – Rio de Janeiro.....	26
Figura 20: Píer e espelho d'água Museu do amanhã – Rio de Janeiro.....	27
Figura 21: Globo digital.....	27
Figura 22: Painel iluminado.....	28

Figura 23: Mapa de localização – Brasil – São Paulo- Região Metropolitanado Vale do Paraíba e Litoral Norte – Taubaté.....	30
Figura 24: Espaços museológicos e expositivos na cidade de Taubaté.....	30
Figura 25: Mapa de delimitação de bairros e o centro da cidade de Taubaté.....	31
Figura 26: Edifícios históricos na área central de Taubaté.....	26
Figura 27: Edifícios em taipa na área central de Taubaté.....	27
Figura 28: Edifícios com potencialidade para espaços expositivos.....	29
Figura 29: Edifícios com potencialidade para espaços expositivos.....	30
Figura 30: Levantamento: Solar da Viscondessa.....	31
Figura 31: Levantamento: Casa Oliveira Costa.....	31
Figura 32: Levantamento: Vila Santo Aleixo.....	32
Figura 33: Levantamento: Estação Ferroviária de Taubaté.....	32
Figura 34: Levantamento: Quadra B.....	33
Figura 35: Levantamento: Quadra D.....	34
Figura 36: Levantamento: Centro Cultural de Taubaté.....	34
Figura 37: Levantamento: Fábrica de botões Corozita.....	35
Figura 38: Programa de necessidades básico.....	37
Figura 39: Gráfico Pizza - Programa de necessidades básico.....	37
Figura 40:Fluxograma.....	46
Figura 41: Esquema de dutos de ventilação no ambiente.....	47
Figura 42: Inserção urbana.....	50
Figura 43: Planta de cobertura.....	51
Figura 44: Conceito e programa de necessidades.....	52
Figura 45: Planta Térreo e Mezanino.....	53
Figura 46: Cortes e Vistas.....	54

Figura 47: Maquete Eletrônica.....	55
Figura 48:Ciclovía de arte urbana.....	56

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	OBJETIVOS.....	2
2.1.	Objetivo geral.....	2
2.2.	Objetivos específicos.....	2
3	JUSTIFICATIVA.....	3
4	METODOLOGIA.....	4
5	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	5
5.1.	Definição de espaços expositivos.....	5
5.1.1.	Espaços expositivos ao redor do mundo.....	6
5.2.	Exposição imersiva e as novas tecnologias nos espaços expositivos.....	7
5.3.	Museu.....	9
6.	DESENVOLVIMENTO.....	11
6.1.	Estudos de caso.....	11
6.2.	L'Atelier des Lumières – Paris, França.....	12
6.2.1.	Descrição do Projeto.....	12
6.2.2.	Considerações finais.....	14
6.3.	Centro Cultural FIESP – São Paulo, Brasil.....	15
6.3.1.	Descrição do projeto.....	15
6.3.2.	Considerações finais.....	17
6.4.	Ciclovía Van Gogh – Amsterdam, Holanda.....	18
6.4.1.	Descrição do projeto.....	18
6.4.2.	Considerações finais.....	19
6.5.	Red Bull Station - São Paulo, Brasil.....	20
6.5.1.	Descrição do projeto.....	20
6.5.2.	Considerações finais.....	22

6.6. Visita Técnica.....	23
6.7. Museu do Futebol.....	23
6.7.1. Descrição do projeto.....	23
6.7.2. Contribuições ao projeto.....	25
6.8. Museu do Amanhã.....	26
6.8.1. Descrição do projeto.....	26
6.8.2. Contribuições ao projeto.....	28
7. Caracterização da área de estudo.....	23
7.1. Informações sobre a cidade de Taubaté.....	23
7.1.1. Levantamento de museus e áreas expositivas na cidade de Taubaté.....	24
7.1.2. Análise e diagnóstico.....	24
7.2. Levantamento de edifícios históricos na área central de Taubaté.....	26
7.2.1. Análise e diagnóstico do levantamento.....	26
7.3. Levantamento de edifícios em taipa na área central de Taubaté.....	27
7.3.1. Análise e diagnóstico do levantamento.....	28
7.4. Levantamento de edifícios com potencial para espaços expositivos na área central de Taubaté.....	29
7.4.1. Análise do levantamento.....	29
7.5. Análise edifícios com potencial para espaços expositivos.....	30
7.5.1. Solar da Viscondessa de Tremembé (c. 1800).....	31
7.5.2. Casa Oliveira Costa (1854).....	31
7.5.3. Vila Santo Aleixo (1872).....	32
7.5.4. Estação Ferroviária de Taubaté (1876).....	32
7.5.5. Quadra B – Complexo da CTI (1894).....	33
7.5.6. Quadra D – Complexo da CTI (1894).....	33
7.5.7. Centro Cultural de Taubaté (1902).....	34
7.5.8. Fábrica de botões Corozita.....	35
8. Parâmetros de escolha dos edifícios para abrigar espaços expositivos.....	35

8.1. Programa de necessidades.....	36
8.2. Escolha do edifício.....	44
9. PROPOSTA.....	45
9.1. Fluxograma da proposta.....	46
9.2. Considerações projetuais.....	47
9.2.1. Planta Pavimento térreo, Mezanino e área externa.....	47
9.2.2. Conforto ambiental.....	48
9.2.3. Equipamentos auxiliares.....	49
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

1. INTRODUÇÃO

O conceito de espaços expositivos, e até mesmo de expografia, é discutido de diversas formas e a partir de diversos pensamentos. O conceito de exposição, em seu sentido amplo, vem muito antes do que se possa parecer, a palavra exposição vem do latim – *exponere* – isto é, “pôr para fora”, “entregar à sorte”, de modo que, ao se colecionar objetos raros, objetos que contam uma história, nasce o desejo de se expor, de mostrar ao mundo seu valor e o seu passado, marcando, assim, o surgimento destes espaços com todos os seus propósitos. (GOLÇALVES, 2004).

Segundo CARDOSO (2005), as exposições artísticas são o palco e um espaço cênico na qual acontece a interação entre várias formas de comunicação, que se compõem e se articulam entre si criando um espaço singular, intenso e efêmero.

No mesmo âmbito, COSTA (2012) define esses espaços como “espaços privilegiados do pensamento arquitetônico por transitarem entre a relação dos lugares, dos espaços e das obras.”. WARHOL (1964), conforme citado por COSTA (2012), elabora um discurso no qual diz que os espaços expositivos se relacionam de forma direta com o objeto à mostra, assim, o espaço completa a obra e vice-versa.

Diferentemente de CARDOSO e COSTA, BOURDIEU (2000) define o ato de se expor como sendo um processo que gera, não apenas um novo objeto, mas, acima de tudo, uma experiência cognitiva profunda com quem o vivencia, ou seja, a percepção que se tem de um determinado objeto se sobrepõe a sua interpretação, a forma como o observador percebe uma obra exposta está diretamente ligada a apropriação simbólica que o mesmo fará, dando ao objeto seu próprio valor de forma relativa, onde cada um terá sua própria interpretação pessoal.

Acerca do espaço onde a exposição acontece, seu papel e a importância nesse meio, CARDOSO (2005) ainda completa que a relação entre o objeto, a mediação e a estrutura cria uma nova condição para se perceber a exposição e seu objeto principal. Dessa forma, o design desses espaços é tão importante quanto a obra exposta, a composição objetual-medial-estrutural cria um espaço intenso para que o experientista, sendo a exposição fixa ou itinerante.

Partindo do princípio de MENESES (1995), que caracteriza a exposição como “uma convenção visual, organização de objetos para produção de sentido” e os demais conceitos, entende-se que espaços expositivos trazem juntamente com as

obras expostas, um universo de significados, histórias e, principalmente, sentido, nas quais a percepção cognitiva e a forma como o objeto chega ao observador é tão importante quando a obra em si. Essa percepção deve ser despertada para se ter uma experiência completa, onde a obra exposta estará enfim cumprindo seu real objetivo.

Portanto, este trabalho visa contribuir para a valorização dos espaços para exposições artísticas e culturais de forma imersiva, objetivando a integração da comunidade como um todo e a sociedade que produz arte, no município de Taubaté com área de influência na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN).

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

O presente trabalho tem por objetivo desenvolver um projeto de um espaço expositivo na cidade de Taubaté/SP, de forma imersiva e interativa que possa levar os visitantes a uma experiência profunda com a arte, dando ênfase a produção significativa artística da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN).

2.2. Objetivos específicos

2.2.1. Identificar as construções históricas, dentro do núcleo central da cidade de Taubaté e relacioná-las com o uso expositivos;

2.2.2. Mapear espaços expositivos e museológicos na cidade.

2.2.3. Mapear edifícios históricos e vazios urbanos dentro do núcleo central da cidade de Taubaté com potencial para áreas expositivas.

2.2.4. Identificar as tipologias dos edifícios na área central da cidade.

2.2.5. Caracterizar edifícios com potencial para abrigar espaços expositivos

3. JUSTIFICATIVA

A cidade de Taubaté leva um rico histórico cultural e artístico, intitulada como a capital nacional da literatura infantil, mas que nos dias atuais é pouco, ou quase nada valorizada nesse âmbito. A cidade é vista como sendo acima de tudo, uma potência industrial em constante crescimento onde não há uma preocupação em resgatar sua essência artística que está se perdendo com o passar do tempo, o mesmo que ocorre com os edifícios históricos principalmente na área central de Taubaté, construções que remontam a história de todo o desenvolvimento da cidade são demolidas, abandonados ou estão em estado de deterioração.

Tendo em vista que há um grande número de edifícios históricos em situação crítica e sendo usados muitas vezes de formas inadequadas, este trabalho tem como principal ponto, a busca por um edifício histórico e com potencial para a implantação de um espaço expositivo, dando espaço a arte e a cultura, devido á carência destas na cidade. O espaço tem como função central enaltecer arte e conhecimento, por meio de exposições itinerantes e permanentes de forma imersiva e interativa, tendo como ponte principal a tecnologia para dar subsídio a esses espaços, diminuindo a distância que existe entre exposições de arte e a população, tido que quase não existem espaços para este fim na cidade.

4. METODOLOGIA

Este trabalho desenvolveu-se através de pesquisas, conceito de espaços expositivos e expografia, levantamento de espaços expositivos e museológicos, notando se que existe uma grande carência desses espaços na cidade de Taubaté e mapeamento de edifícios históricos com potencial para locação de um ambiente expositivo na cidade de Taubaté, análise e caracterização da área de estudo. Estudo de fatores que possam contribuir para despertar o interesse e a aproximação da população para com esse ambiente, usando a tecnologia como ponte entre o objeto exposto e o observador, criando um espaço para se ter uma nova percepção do objeto a mostra, e para que o observador tenha uma experiência única e imersiva. Este trabalho visa contribuir com a valorização da arte, história e cultura em um município rico em tais quesitos, porém pouco explorado nesse âmbito.

O organograma a seguir ilustra as etapas desenvolvidas neste trabalho de pesquisa:

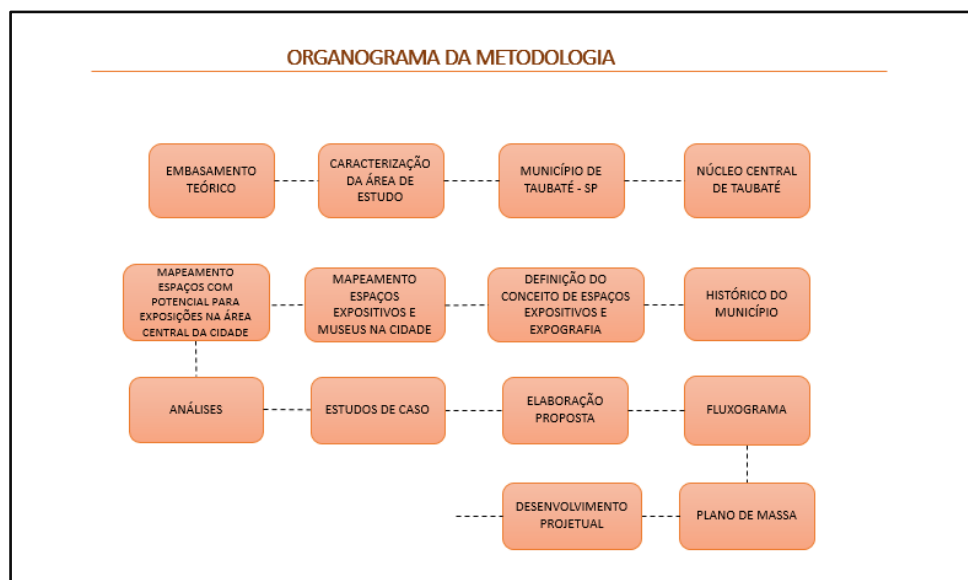


Figura 1: Organograma da metodologia

Fonte: Autor, 2018.

5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

5.1. Definição de espaços expositivos

O conceito de exposição, em seu sentido amplo, é mais antigo do que se possa parecer, a palavra exposição vem do latim – *exponere* – isto é, “pôr para fora”, “entregar à sorte”, de modo que, ao se colecionar objetos raros, objetos que contam uma história, nasce o desejo de se expor, de mostrar ao mundo seu valor e o seu passado, marcando, assim, o surgimento destes espaços com todos os seus propósitos. (GOLÇALVES, 2004).

CURY (2003) define espaços expositivos como uma forma de comunicação, concepção cultural de valores e seus ideais, uma tomada de consciência subjetiva relacionada às ideologias culturais presentes nas sociedades.

CARDOSO (2005), entende os espaços expositivos e seu design como uma atitude projetual:

Um sistema comunicativo multidirecional, apelativo e sensorial” que funciona em “progresso” com o espaço; um espaço que se transforma e que é produto da relação entre conteúdo e contendor, entre figura e fundo, entre o conceito e sua representação. (CARDOSO, 2005)

Na mesma esfera, COSTA (2012) define esses espaços como “espaços privilegiados do pensamento arquitetônico por transitarem entre a relação dos lugares, dos espaços e das obras.”. WARHOL (1964), conforme citado por COSTA (2012), elabora um discurso no qual diz que os espaços expositivos se relacionam de forma direta com o objeto à mostra, assim, o espaço completa a obra e vice-versa.

Em outra linha de pensamento, BOURDIEU (2000) define o ato de se expor como sendo um processo que geradora de uma experiência cognitiva profunda com quem o experimenta, ou seja, a percepção que se tem do objeto se sobrepõe a sua interpretação, a forma como o observador percebe uma obra exposta está diretamente ligada a apropriação simbólica que o mesmo fará, dando ao objeto seu próprio valor de forma relativa, onde cada um terá sua própria interpretação.

GREEMBERG (1999), conforme citado por SOBRINHO (2015) discorre sobre a compreensão que obtemos desses espaços "...a maneira como compreendemos as exposições de arte, sendo "o meio pelo qual a maior parte da arte se torna conhecida", o "veículo primário de produção e disseminação de conhecimento hoje" e o lugar onde "objetos e textos são sempre montados de acordo com um esquema arbitrário destinado a construir um significado" (GREEMBERG; FERGUNSON; NAIRNE, 1999, P.1-2)."

Com o tempo e o avanço da tecnologia esses espaços vão se moldando a sociedade, revelando novas vertentes e formas de se expor, LUPO (2016) ressalta que a extensa utilização de recursos tecnológicos, cenográficos e interativos em espaços expositivos contemporâneo, garante a aproximação do público a partir de artifícios como projeções, vídeos e terminais multimídia com o objetivo de induzir o visitante a uma experiência única nesses espaços e associando-se ao processo de desmaterialização do acervo estabelecendo novas dinâmicas entre o público, o espaço arquitetônico e o objeto artístico.

5.1.1. Espaços expositivos ao redor do mundo

O ato de se colecionar e expor objetos sejam eles, por valor histórico e/ou sentimental é algo universal, porém existe uma predominância tanto de acervo quanto de forma de ser expor no conhecido Velho mundo:

As primeiras formas de manifestação da exposição pública, ou semi-pública de objetos foi oriunda dos séculos XVI e XVII, com os gabinetes de curiosidades, que tinham como objetivo reproduzir um microcosmo do mundo conhecido. Com a intenção de popularizar o acesso aos bens e coleções da nobreza ao público como forma de conhecimento, reafirmando o domínio da elite, essas mostras foram constantes em toda a Europa, sendo substituídas pelos espaços dos museus nos séculos XVIII e XIX. (COSTA, 2012)

"Após o final da segunda guerra, em 1945, os museus tornaram-se um espaço experimental para a arquitetura italiana, na busca de uma nova relação entre a memória e o novo." (Anelli, 2009).

Ao longo do tempo, é disseminado pelo mundo, formas de se expor e com isso os pensamentos vão mudando ao modo de reprodução da obra nesses espaços. É nos anos de 1960 que nasce uma tendência artística chamada minimalismo batizado por Richard Wolheim. “ Em um ensaio de 1965, passou a dominar a cena artística americana, com uma produção de objetos austeros, monocromáticos e abstratos. ” (COSTA, 2012).

No Brasil, é a partir do século que começam a surgir os primeiros eventos semelhantes e importantes no cenário artísticos. O pintor Jean-Baptiste Debret realiza a primeira exposição de arte no Brasil, mais especificamente entre 1829 – 1830. Mas é em 1840 que é realizada a primeira Exposição Geral de Belas-Artes com formato de ‘exposição geral”, no qual permitia qualquer artista tinha a oportunidade de expor, não importando sua formação artística.

Com a instituição da República no Brasil, em 1889, a Academia Imperial de Belas-Artes passa a ser chamar Escola Nacional de Belas-Artes, mantendo a realização das mostras, que continuaram a ocorrer em seus espaços físicos. (LEVY, 1951)

Cada vez mais os espaços expositivos, sendo eles museus, galerias de arte ou espaços expositivos informais tomam grandes proporções em todo o mundo, gerando assim, a necessidade de novas maneiras de expor e o desafio de passar a informação está cada vez mais desafiadora, em todos os lugares do mundo.

5.2. Exposição imersiva e as novas tecnologias nos espaços expositivos

A evolução da tecnologia, presenciada todos os dias nas últimas décadas, contribui para a manifestação de novos conceitos e renovação de espaços sociais e os núcleos expositivos fazem parte dessa evolução. Começou a surgir nossos termos e metodologias para serem aplicadas nesses espaços e na forma de se passar exposições artísticas.

Espaços expositivos imersivo e a arte digital é uma linguagem atual, intuitiva que estimula o engajamento do público massivo com questões de relevância social de

maneira lúdica e divertida, além de promover a ocupação dos espaços públicos. (Vaz, 2011)

O foco principal é você ter uma experiência imersiva com as obras, que o visitante entre no universo da arte e do artista e em seus mais profundos detalhes. Um instrumento aliado em ações como essas, é a criação dos espetáculos com luz e imagens projetados nas superfícies de determinado edifício ou área. (VAZ, 2011)

Segundo LUPO (2016), a tecnologia é a ponte entre visitante e objeto exposto em um espaço expositivo:

A ampla utilização de recursos tecnológicos, cenográficos e interativos no espaço expositivo contemporâneo, garantindo a aproximação do grande público a partir de artifícios como projeções, vídeos e terminais multimídia, associa-se ao processo de desmaterialização do acervo e estabelece novas relações entre o público e o espaço arquitetônico. (LUPO, 2016).

Um outro forte instrumento que está sendo aliado nas práticas museológicas, segundo TORRES (2015), é o uso dos QR-Codes em espaços expositivos como forma de mediação entre público e obra de arte, causando a ampliação dos conteúdos da sala através do espaço digital. O uso de QR-Codes já é uma prática nos maiores museus do mundo, é uma forma de fazer com que os visitantes tenham uma nova experiência nesses espaços, mediante o uso do celular é permitido obter digitalmente as informações de um objeto particular. A 54ª Bienal de São Paulo em 2014, segundo TORRES, “apresentava audioguia usando QR-Codes e, no mesmo ano, a exposição sobre Salvador Dalí, no Instituto Tomie Ohtake, também em São Paulo, teve esse recurso para oferecer os conteúdos de seu audioguia sobre as obras. ”

O desenvolvimento das Tecnologias da Informações e da Comunicação (TIC) em geral vem ocupando espaço em museus e espaços expositivos.

VARINE (1992) defende que “é no contato sensorial entre o homem e o objeto que o museu encontra a sua justificação e por vezes a sua necessidade. ”

MUCHACHO (2011), nesta mesmo âmbito reforça a importância da tecnologia no meio expositivo:

Os museus podem ser mais atrativos para o público se disponibilizarem mais informação e entretenimento, ou a combinação dos dois – *edutainment*- constituindo um espaço atrativo, com capacidade para alargar e multiplicar as experiências sensoriais e cognitivas que cada sujeito pode usufruir. (MUCHACHO, 2011).

O museu virtual vai dissociar o objeto museológico da sua aura, materializando-o sob a forma de imagem virtual, ou seja, de artifício.

5.3. Museu

Conforme a sociedade evolui, o conceito e os espaços museológicos evoluem em paralelo, desta forma, o ICOM (International Council of Museums) atualiza de tempos em tempos sua definição sobre museu, em sua última atualização define o museu como sendo:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o patrimônio tangível e intangível da humanidade e de seu ambiente para fins de educação, estudo e prazer. (ICOM, 2007).

A palavra museu em sua concepção já era utilizada em Alexandria para designar o lugar destinado aos *estudos de todas as formas de arte e ciência. Muito antes do que se possa imaginar o termo já vem sendo desenvolvido e sua concepção efetivada.* A palavra deriva do latim *museum* que é derivado do grego *mouseion*, o templo que era dedicado às musas, significando, portanto, em sua origem, a “casa das musas”. (GONÇALVES, L. R., 2004).

O IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) define de forma ampla o papel dos museus nas cidades e o seu impacto social:

O museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante

onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha. Por meio dos museus, a vida social recupera a dimensão humana que se esvai na pressa da hora. As cidades encontram o espelho que lhes revele a face apagada no turbilhão do cotidiano. E cada pessoa acolhida por um museu acaba por saber mais de si mesma. (IBRAM, 2017).

Desde os primórdios da definição de museu até os dias atuais, surgem novas formas de se pensar esses espaços e novas formas de uso, desde Marcel Duchamp com o *boîte-en-valise*¹, no início dos anos 1940 vêm sendo constantemente repensada as concepções atuais de museu, nos quais os artistas contemporâneos se volta para um foco crítico maior do que décadas anteriores.

PÉRIGO (2013), discorre sobre o papel dos museus atualmente, onde a função dos museus na sociedade já não é mais vista como um santuário que não se integra com o mundo exterior, a imagem de grandes museus e galerias desconectadas e que não dialogam com a cidade é cada vez mais vista como uma concepção antiquada e sem o dinamismo necessário para esses espaços resistirem nos tempos atuais.

¹ *Boîte-en-valise*: Concebido como um museu portátil, uma pequena maleta de couro que se abre para uma pequena exposição do trabalho de Marcel Duchamp

6. DESENVOLVIMENTO

6.1. Estudos de caso

Para elaboração do projeto foram realizados quatro estudos de caso para dar subsídio teórico e contribuir para o enriquecimento do projeto futuro, tentando absorver um pouco de cada projeto estudado em variados aspectos, como por exemplo: conceito projetual, programa de necessidades, relação social, aspectos ambientais, materiais utilizados e tudo que pode de alguma forma colaborar com o desenvolvimento do trabalho em questão.

Casos analisados

1. L'Atelier des Lumières – Paris, França
2. Centro Cultural FIESP – São Paulo, Brasil
3. Ciclovia Van Gogh – Amsterdam, Holanda
4. Red Bull Station – São Paulo, Brasil

6.2. L'Atelier des Lumières – Paris, França

- **Localização:** 11º arrondissement, Paris, França
- **Área:** 3.126 m²
- **Ano:** 1835



Figura 2: Mapa de localização via satélite - L'Atelier des Lumières

Fonte: <https://www.pinterest.co.uk>

6.2.1. Descrição do Projeto

Este estudo de caso foi retirado do site oficial do centro de arte digital L'Atelier des Lumières, na qual a reforma do espaço e consecutivamente a abertura se deu entre os anos 2017 e abril de 2018.

O centro de arte digital está situado na antiga fábrica de fundição Chemin-Vert, como mostrado na figura 3, criado em 1835 e reestruturado para abrigar o centro de arte digital em abril de 2018.



Figura 3: Antiga fábrica de fundição Chemin-Vert

Fonte: atelier-lumieres.com/fr

Indo de encontro com a arquitetura fabril as exposições acontecem em seus elementos arquitetônicos originais, como suas chaminés industriais por exemplo que servem de cenário para as projeções artísticas (Figura 4).



Figura 4: Centro de arte digital na antiga fábrica de fundição.

Fonte: <https://www.lebonbon.fr>

O espaço conta com áreas para três exposições permanentes e espaços para exposições itinerantes, uma loja de canto, como é chamada e uma livraria. Esses espaços foram locados de forma que se conectassem, porém, não perdendo a particularidade de cada um, com repartições seguindo o mesmo estilo fabril. É importante ressaltar que os elementos da antiga fábrica não foram escondidos, se tornando parte das exposições.

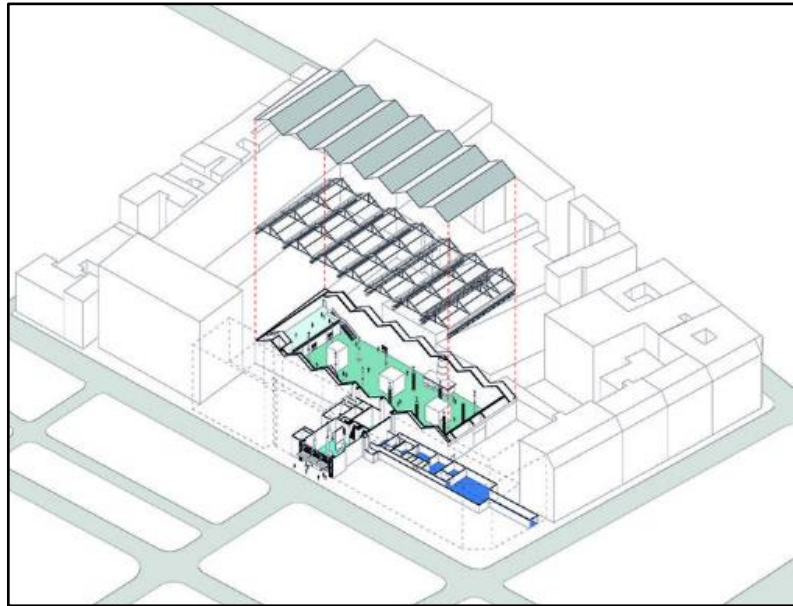


Figura 5: Esquema da reestruturação da antiga fábrica.

Fonte: <http://www.silhouette-urbaine.com>

6.2.2. Considerações finais

O estudo de caso mostrou como dois espaços (Fabril-Expositivo) completamente diferentes podem se relacionar harmoniosamente e como pode se criar um espaço artístico sem que haja a exclusão dos elementos antigos da fábrica e como novas tecnologias vêm enriquecendo a produção desses espaços, causando a imersão absoluta do observador na obra.

O respeito pela antiga fundição foi colocado no coração do projeto para reavivar o espírito industrial do lugar. As estruturas enaltecem o caráter industrial do salão, que é o elemento central do projeto museográfico.

Por fim, para se criar um contato com a área externa do espaço a encenação continua onde é dada a visão interna em uma das fachadas de entrada mostrando um pouco do que está acontecendo dentro do edifício.

6.3. Centro Cultural FIESP – São Paulo, Brasil

- **Localização:** Av. Paulista, São Paulo, Brasil
- **Arquitetos:** Escritório Rino Levi
- **Área:** Cerca de 3.000 m²
- **Ano do projeto:** 1969



Figura 6: Mapa de localização via satélite - FIESP

Fonte: Google Earth, 2018.

6.3.1. Descrição do projeto

O edifício que abriga o Centro Cultural FIESP é um projeto do escritório Rino Levi Arquitetos Associados que foi vencedor de um concurso no final da década de 60 e construído na década de 70, tendo como objetivo principal um edifício com características expressivas capaz de se tornar um marco de referência na paisagem da Avenida Paulista (figura 7). No final dos anos 90, especificamente em 1998, esse importante espaço sofreu uma intervenção e reformulação por intermédio de um projeto elaborado pelo escritório do arquiteto Paulo Mendes da Rocha.

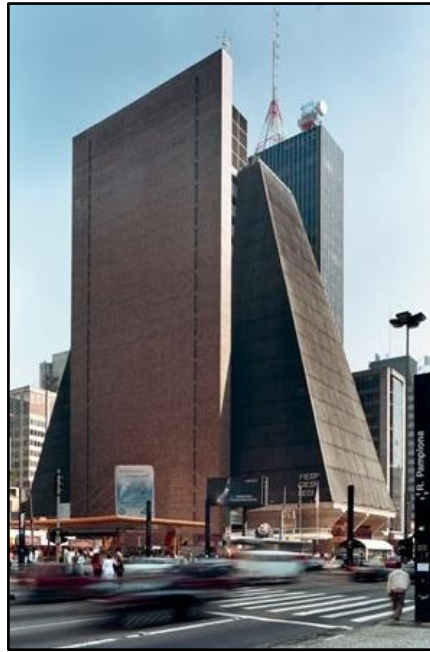


Figura 7: Torre e térreo Centro Cultural FIESP

Fonte: vitruvius.com.br

O que mais interessa tanto na concepção do projeto, quanto na utilização de fato do edifício, é a forte relação que existe entre espaço público/privado e edifício/cidade, onde no andar em pilotis (meio nível acima da paulista) foi criada uma grande praça aberta capaz de integrar e chamar as pessoas a participarem dos eventos que ocorrem na parte externa e interna no edifício. O edifício conta com espaços de exposições, galeria de arte, teatro, mezanino e cafeteria e uma das principais atrações do edifício, a galeria digital conforme mostrado na figura 8.

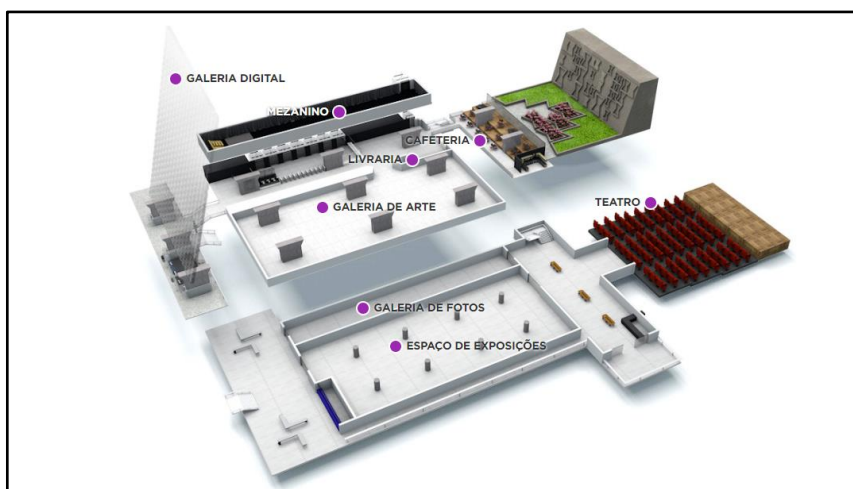


Figura 8: Organização interna do FIESP

Fonte: centroculturalfiesp.com.br

Um ponto muito interessante e que inova em relação a inserção da arte no espaço público e em sua escala urbana é a galeria digital, conforme mostrado na figura 9, a primeira galeria de arte digital a céu aberto da América Latina. Na fachada do prédio foi instalado uma manta de LED para ser possível projetar intervenções artísticas e permitindo assim a participação do público em geral.

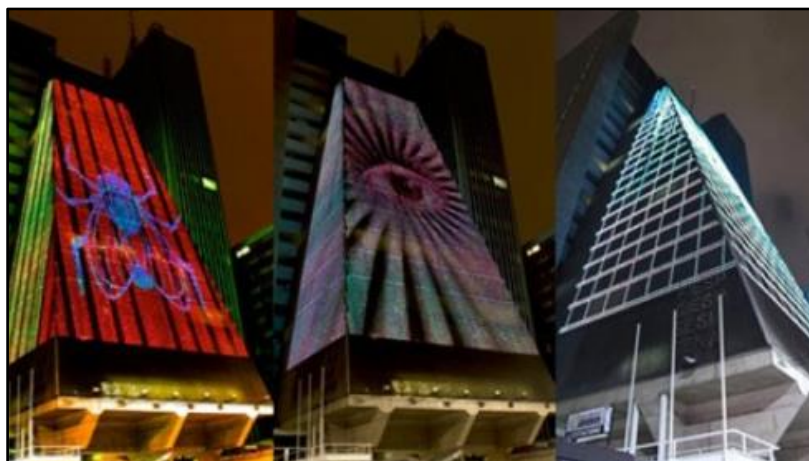


Figura 9: Galeria Digital

Fonte: centroculturalfiesp.com.br

6.3.2. Considerações finais

O estudo de caso chamou atenção principalmente em relação a forma e a preocupação de integração do urbano com a arte. A capacidade de inovação para se passar obras artísticas mostra a evolução das formas de contato entre o público e a arte em si e em como a tecnologia é a ponte de aproximação em relação a essa situação. Além de se levar para o lado externo do edifício, as obras ultrapassam as barreiras de apenas um determinado raio de público-alvo, mas sim pessoas que estão apenas passando na Avenida Paulista, pode apreciar e entrar em contato com a arte em questão.

A solução da “praça pública” entre os pilotis, é uma boa forma de atrair o público de forma que em determinado momento ele se encontra fora do edifício, mas sem alguma dificuldade pode se encontrar na área interna do centro cultural, onde há um rico acervo de espaço expositivo. Essas propostas apontam para uma preocupação de incentivo a integração entre espaço interno/externo e a quebra de ambientes absolutamente fechados, evidenciando o desenvolvimento da forma de se expor arte nos dias atuais.

6.3. Ciclovía Van Gogh – Amsterdam, Holanda

- **Localização:** Eindhoven, Holanda
- **Ano do projeto:** 2015
- **Área:** Ciclovía (600m)



Figura 10: Ciclovía inspirada no quadro “Noite estrelada” do artista Van Gogh

Fonte: studioroosegaarde.net

6.4.1. Descrição do projeto

A ciclovía foi inaugurada em 2015, na cidade de Eindhoven, sul de Amsterdam e tem como conceito principal integrar a arte em espaços rotineiros das cidades, de forma que atraíssem a população e adquirissem um novo olhar para o ambiente público.

Como forma de tornar os espaços públicos um ambiente mais humano e afetivo, a Ciclovía Van Gogh, com cerca de 600m faz com que seus usuários tenham uma experiência imersiva, onde enquanto estão pedalando, aproveitam o percurso com a obra do artista “Noite estrelada”, como mostra a figura 10, desenhada por luzes de LED (Figura 11), no qual coletam energia solar durante o dia e permanecem acessas durante a noite.



Figura 11: Instalação LEDS na Ciclovia Van Gogh

Fonte: studioroosegaard.net

O projeto chama a atenção ao conectar arte e tecnologia como forma de enriquecer os espaços públicos afim de mostrar à população que os espaços urbanos também são espaços de produções artísticas e que a arte pode estar mais próxima da vida de todos, não precisando estar apenas em museus e espaços fechados e sim levar a arte para espaços abertos, estimulando o público a vivencia-las por completo.

Existem outros projetos com a mesma finalidade se espalhando pelas cidades holandesas, com diferentes artistas e obras, atraindo a população a mudar seus hábitos e transformando, de maneira positiva as dinâmicas que ocorrem nos espaços públicos.

6.4.2. Considerações finais

Este estudo de caso em particular, traz concepções urbanísticas onde pode se perceber que as atividades que acontecem nas cidades, muitas vezes de maneira monótonas, podem ser mudadas afim de quebrar barreiras entre arte e a população e que intervenções artísticas podem estar onde menos se esperam e ao alcance de todos.

O conceito dessas novas ciclovias, que seguem uma linha sustentável, gera nova percepção das cidades, no qual se vê necessário à medida que é analisada a atual relação espaço urbano-população, onde a população se volta muito mais para o

mundo interno, para dentro de construções do que para espaços livres e ambientes abertos.

6.5. Red Bull Station - São Paulo, Brasil

- **Localização:** Praça da Bandeira, São Paulo
- **Arquiteto:** Triptyque
- **Ano do projeto:** 2013



Figura 12: Centro Cultural Red Bull Station

Fonte: triptyque.com

6.5.1. Descrição do projeto

O Red Bull Station, é um centro cultural situado na Praça da Bandeira, entre a AV. Nove de Julho e Av. Vinte e Três de Maio. O edifício era ocupado, na década de 20, pela empresa de eletricidade Light, porém ficou abandonada até o ano de sua reabilitação e a criação do espaço cultural no edifício.

O projeto passou por várias etapas, sendo ela, a análise estrutural, arquitetônica e espacial, o projeto de restauro, seguindo os principais conceitos de preservação do patrimônio arquitetônico e o recebimento da intervenção contemporânea que tinha por objetivo adaptar as novas funções que o edifício receberia. A essência e toda a sua arquitetura foi mantida e se tornaram elementos que potencializam o espaço como centro cultural.



Figura 13: Área expositiva do Red Bull Station

Fonte: triptyque.com

De um lado do térreo, encontra-se a galeria principal, uma sala monumental que recebe exposições de todas as formas de artes visuais, performances e shows. Algumas salas foram adequadas e reorganizadas para receber espaços expositivos, mas como mostra a figura 13, o espaço se adaptou a exposição e a exposição foi capaz de ser adaptar ao espaço sem interferir na essência do edifício.

Além dessas adaptações, o projeto contou com intervenções contemporâneas, para que houvesse uma conexão entre o novo e o antigo. O terraço do prédio, conforme figura 14, recebe uma marquise metálica que flutua no espaço, chamada de folha, abrigando um espaço expositivo contemplando a cidade de São Paulo e difundindo cultural e arte.

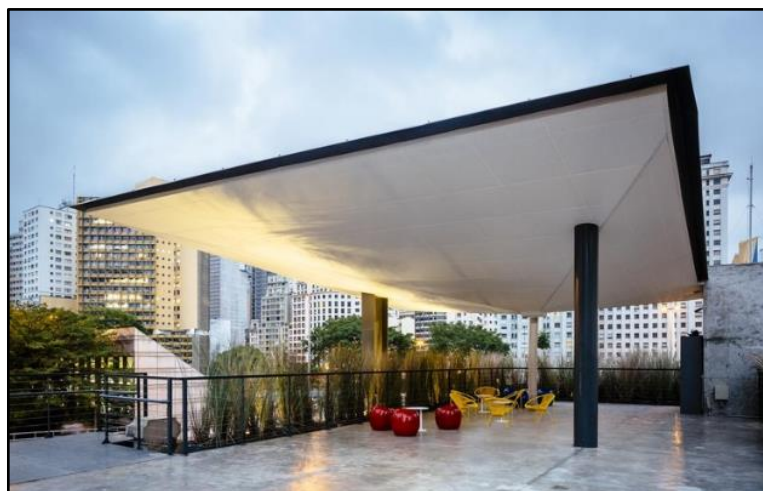


Figura 14: Terraço com marquise metálica

Fonte: archdaily.com.br

6.5.2. Considerações finais

O que chamou mais a atenção neste estudo de caso, é como é possível unir o antigo e o novo de uma forma harmoniosa, respeitando o espaços e tempo de cada construção.

A missão em transformar um edifício histórico em um espaço cultural, sendo que anteriormente suas funções, de fábrica, eram totalmente diferentes, mostra que pode se encontrar diretrizes a partir do existente, transformando em uma situação desafiadora. Porém com resultados satisfatórios.

6.6. Visita técnica

6.7. Museu do Futebol – São Paulo, Brasil

- **Localização:** Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, São Paulo - Brasil
- **Área:** 6900.0 m²
- **Ano:** 2008



Figura 15: Entrada Museu do Futebol no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho

Fonte: archdaily.com.br

6.7.1. Descrição do Projeto

O museu se encontra sob a arquibancada do estádio do Pacaembu, foi inaugurada em setembro de 2008, a curadoria do museu está diretamente ligada ao espaço de sua implantação, no qual as exposições que acontecem se integram com a área do estádio destinada para esse fim.

Equipamentos digitais, auxiliam para a valorização das exposições, como mostrados nas figuras 15 e figura 16, onde com a junção de diversas telas, se conta a história do futebol através dos séculos, dando um dinamismo para o museu. A existência de pequenas áreas para jogar futebol e jogos interativos, avivam mais a

vontade de conhecer a fundo esse universo, não atraindo apenas uma gama de pessoas.



Figura 16: Painéis digitais projetando jogadores brasileiros icônicos

Fonte: Autor, 2018

Os painéis digitais (figura 16) mudam de coloração e imagem conforme o tempo e a área, com iluminação reduzida conta com telas onde se passa depoimentos de jogadores e técnicos sobre suas experiências.



Figura 17: Telas contando a história do futebol através do tempo.

Fonte: Autor, 2018

Como mostra a figura 18, uma área é aberta com visão do campo de futebol para fotografar e experimentar a integração do próprio estádio com o museu do futebol em si.



Figura 18: Área aberta com visão para o campo de futebol

Fonte: Autor, 2018

Na área térrea, diversas outras atividades integram o espaço como por exemplo, um auditório, bar e loja incentivando a permanência do visitante por mais tempo.

6.7.2. Contribuições ao projeto

A maior contribuição adquirida neste caso, é em relação aos equipamentos que auxiliam as exposições acontecerem de forma mais dinâmica. Como os painéis digitais, telas animadas mostrando a planta do museu. Tecnologias contribuindo para dar ao museu uma atmosfera diferente de museus padrões que se encontram em grandes quantidades. A base para a exposição acontecer é a tecnologia, que se harmoniza com o espaço e se integra com o edifício e sua história.

Outros espaços, como a loja ou o bar contribuíram para mostrar que o museu não se resume apenas aos espaços expositivos em si, mas também em outras áreas, ajudando assim a atrair mais visitantes. O museu do futebol, é um modelo a ser seguido afim de transformar o universo expositivo em algo mais dinâmico e leve.

6.8. Museu do amanhã - Rio de Janeiro, Brasil

- **Localização:** Praça Mauá, 1 - Centro, Rio de Janeiro - RJ, 20081-240, Brasil
- **Área:** 15000.0 m²
- **Ano:** 2015

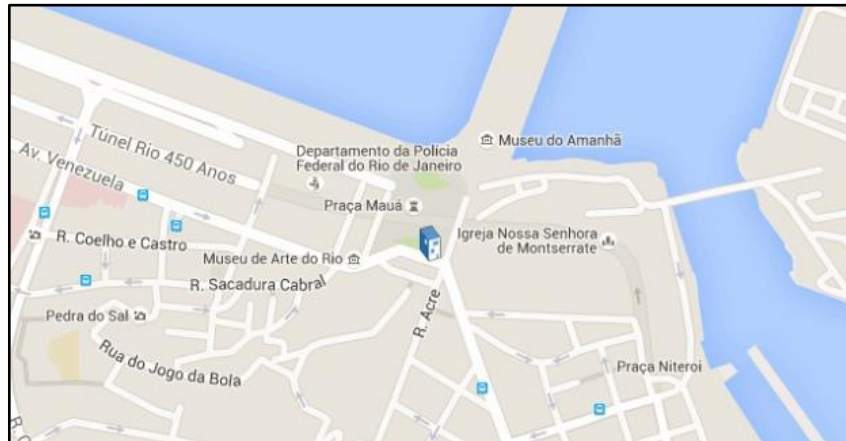


Figura 19: Mapa de Localização, Museu do amanhã – Rio de Janeiro

Fonte: archdaily.com.br

6.8.1. Descrição do Projeto

Localizado no Píer de Mauá, na Baía de Guanabara, o Museu do Amanhã tem propostas contemporâneas, que tratam do futuro do Planeta Terra. O museu conta com 5.000 m² de espaço de exposições temporárias e permanente e uma praça se entendendo ao cais, que pode ser também uma área contemplativa pela beleza de sua paisagem, como mostra figura 20:



Figura 20: Píer e espelho d'água Museu do amanhã – Rio de Janeiro

Fonte: Autor, 2018.

A área de exposição permanente se encontra no pavimento superior, ao longo de toda a extensão do museu. A ideia era dar a sensação aos visitantes que o edifício estaria flutuando e fazendo parte do ambiente natural da baía.

O museu tem todas suas características voltadas a sustentabilidade, integrando áreas de loja, restaurante, salas de pesquisas e observatório. Seus espaços expositivos contam com muitos elementos digitais nos quais valorizam a curadoria e suas exposições. (Figuras 21 e 22)



Figura 21: Globo digital.

Fonte: Autor, 2018.

O globo digital se destaca como o primeiro elemento a ser visto para quem entra no museu. Uma forma de distrair os visitantes enquanto permanecem na fila da bilheteria, elemento que transmite um pouco do que será visto durante toda a exposição.

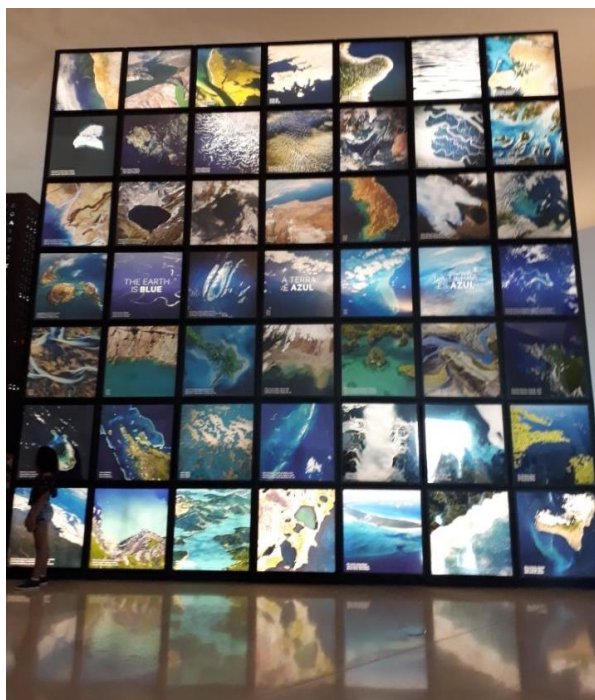


Figura 22: Painel iluminado

Fonte: Autor, 2018.

Ao decorrer da exposição permanente, existem diversos painéis iluminados que compõe o espaço e transmitem a exposição em si. A área conta também com maquetes e elementos interativos para participação do visitante no espaço.

6.8.2. Contribuição ao projeto

Os elementos implantados ao decorrer do espaço segregam os ambientes de forma que cada área tem um tema em específico, sem o uso de paredes fixas, mas sim dos próprios elementos expositivos. Mesas digitais com atividades relacionadas aos temas fazem com que os visitantes se sintam parte da exposição.

A tecnologia como parte do museu transmitindo as mensagens, o torna em um museu mais leve e dinâmico a ser visitado. Uma boa forma de atrair visitantes de todas as idades.

6. Caracterização da área de estudo

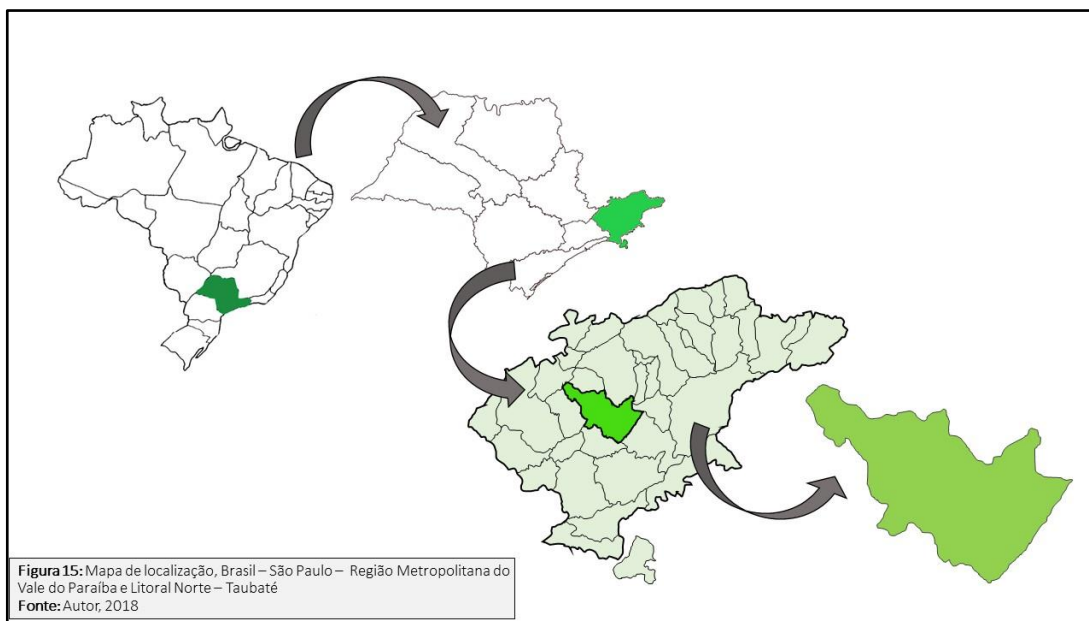
7.1. Informações sobre a cidade de Taubaté

O município de Taubaté com área de 627,4 m² está situado na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVP), sub-região 2, no Estado de São Paulo, como mostra a figura 15. Sua posição geográfica é considerada estratégica, onde a cidade se encontra em meio ao eixo de circulação São Paulo-Rio de Janeiro, ainda interligando o Estado de Minas Gerais. (EMPLASA, 2017). A cidade também faz ligação com a Serra da Mantiqueira e a Serra do Mar.

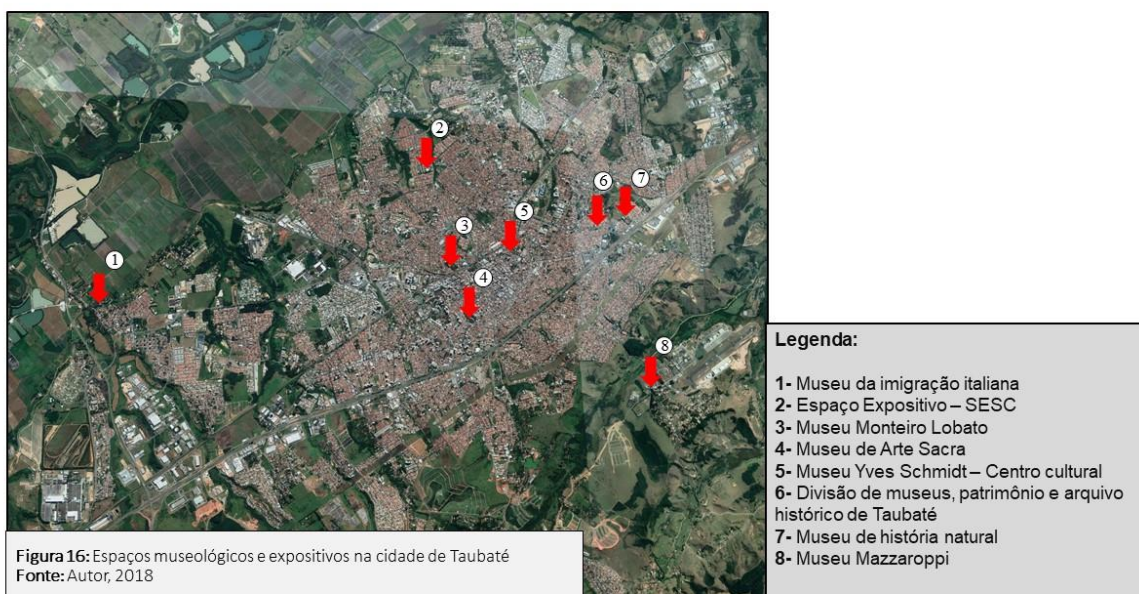
Se encontra na posição geográfica: Latitude: 23g 0m, Longitude: 45g 19m e Altitude: 580 metros. (CEPAGRI – Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas a Agricultura).

Em relação à vegetação predominante, seu ecossistema apresenta Mata Atlântica – Floresta Estacional Semidecidual (mata seca), cerrado. “Com clima Mesotérmico com verões quentes e estação chuvosas no verão.” (<http://iflorestal.sp.gov.br>).

Sobre a hidrografia, o site taubate.org, caracteriza o Rio Paraíba do Sul como um rio importante não só para a cidade de Taubaté, mas para todo o estado de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Sendo ele formado pelos rios Paraibuna e Paraitinga, nascendo na serra da Bocaina no estado de São Paulo que leva o nome de Paraitinga e quando passa pela represa de Paraibuna, passa a ser chamado de Rio Paraíba do Sul. Com um comprimento total de 1.137 Km que vai até sua foz em São João da Barra – Rio de Janeiro. O Rio Una também se destaca e corta o município de Taubaté, porém é ainda o Rio Paraíba que realiza a maior parte do abastecimento de água na região.



7.1.1. Levantamento de museus e áreas expositivas na cidade de Taubaté

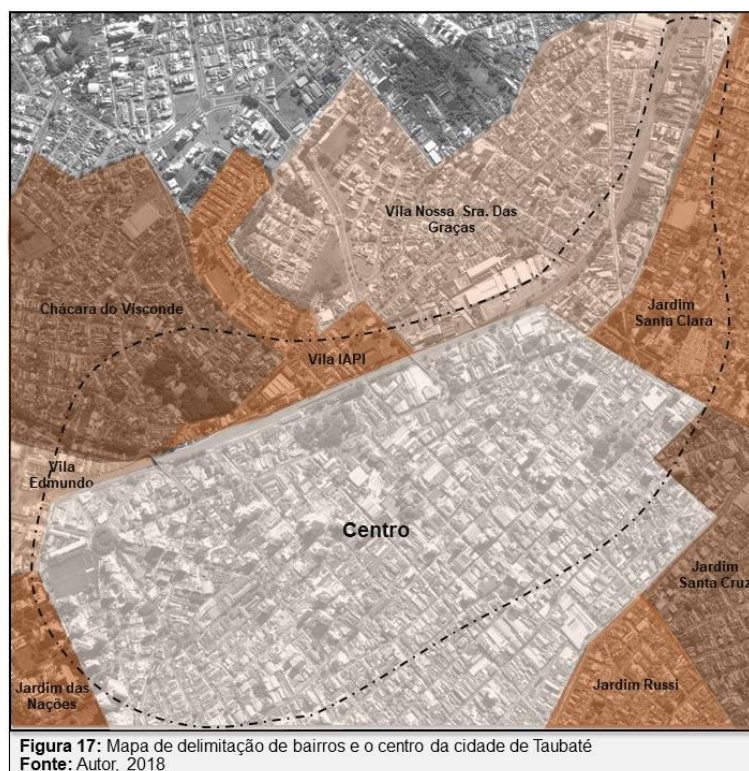


7.1.2. Análise e diagnóstico

Foi realizado o levantamento dos espaços expositivos, museus e galerias de arte na mancha urbana da cidade de Taubaté, como ilustra a figura 16, onde nota-se a predominância de museus dedicados a personagens icônicos na história da cidade, como Monteiro Lobato e Mazzaroppi.

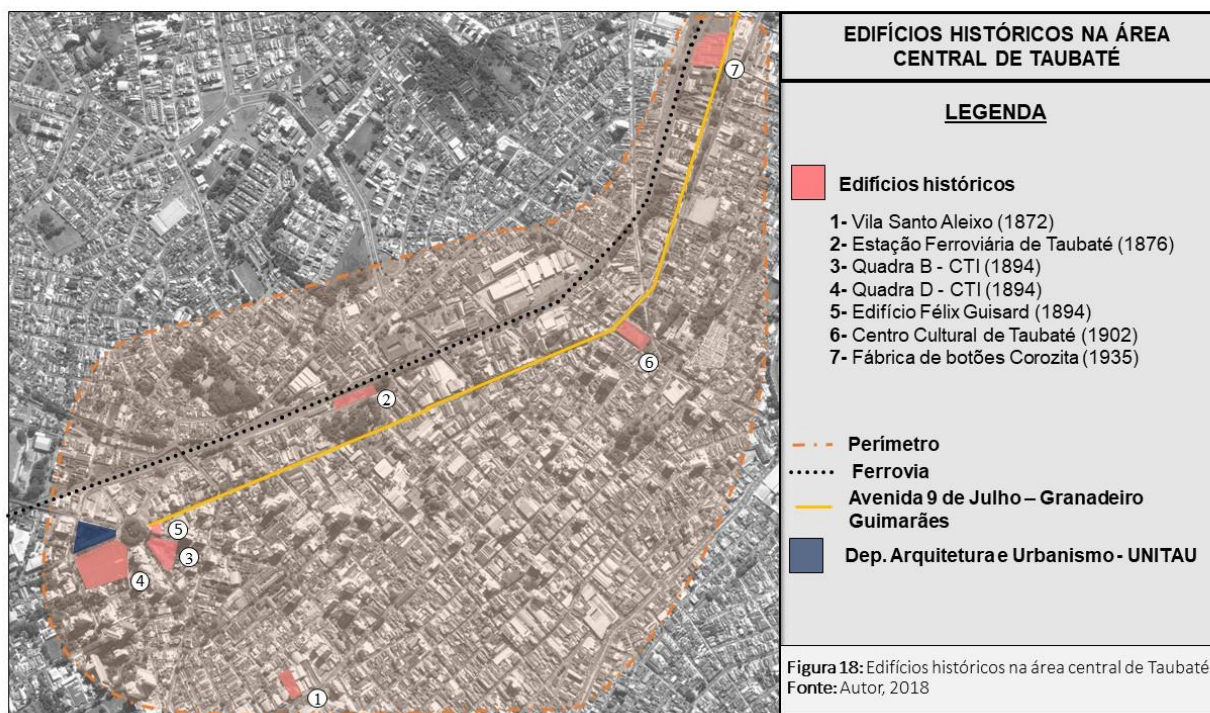
O levantamento também pôde mostrar que onde existem esses espaços na cidade de Taubaté, são exposições com conceitos similares e muito limitados, sem uma proposta de exposições de arte mais expansivas e imersivas, que por meio dessa situação acabam desvalorizando os objetos que estão à mostra, causando o desinteresse da população em visitar esses espaços.

Como ilustra a figura 17, existe uma carência muito grande de espaços expositivos na área central e em seus bairros circundantes. Um exemplo disso é a Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico de Taubaté (Figura 16), área que conta com quatro museus com exposições permanentes e significativas na história da cidade e o Museu de História Natural de Taubaté, ficam fora da área central que resulta na dificuldade de acesso a eles. Na área central se encontra apenas o Museu Monteiro Lobato, Museu de Arte Sacra e o Museu Yves Schmidt que são da mesma forma, pouco valorizados.



Sendo assim, para análise mais detalhada e pontual da situação, foi determinada a área central e seus bairros circundantes (figura xx delimitação da área central e seus bairros circundantes) como ponto de preocupação maior, tido que se não existem espaços destinados a exposições e afins nesta área, dificilmente a população terá um contato significativo fora dela.

7..2. Levantamento de edifícios históricos na área central de Taubaté



Foi levantado os edifícios históricos de relevância na área central e nos bairros circundantes, sendo eles: Jardim Santa Clara, Jardim Santa Cruz, Jardim Russi, Jardim das Nações, Vila Edmundo, Chácara do Visconde, Vila IAPI e Vila Nossa Senhora das Graças.

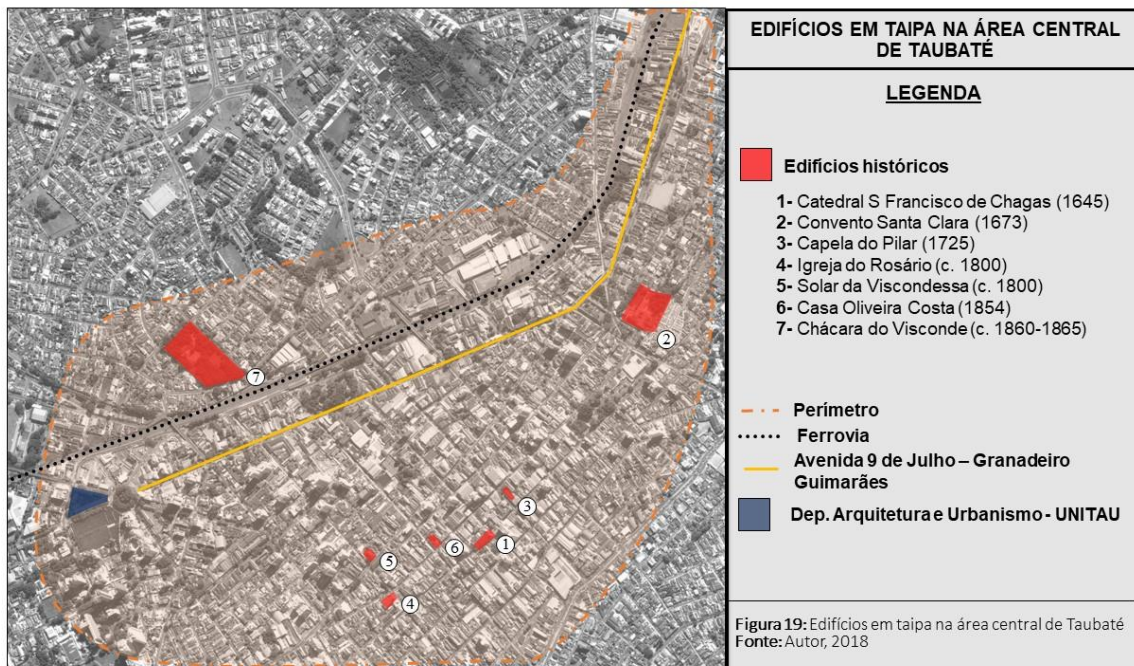
7.2.1. Análise e diagnóstico do levantamento

Com o levantamento dos edifícios históricos na área central de Taubaté, pode se perceber que há muito da herança fabril na cidade que sobrevive ao tempo e são elementos que se destacam, porém existem alguns edifícios, que se encontram em estado de abandono, mesmo contendo um bom espaço para diversos usos. Um exemplo disso é a Quadra D, onde atualmente o prédio se encontra abandonado e sem qualquer forma de manutenção.

Existem diversas tipologias e riquezas arquitetônicas nos edifícios analisados, que remontam o desenvolvimento da cidade, porém, como consequência de todo

desenvolvimento, não é dada muita atenção para esses edifícios acarretando em descuido e mal uso.

7.3. Levantamento de edifícios em taipa na área central de Taubaté



Como forma de integração do Projeto de Iniciação Científica em produção com o seguinte tema: Análise experimental para consolidação de construções em terra crua com resíduo de soro de leite, o levantamento teve como um dos focos, as construções feitas em taipa na cidade.

Foi realizado o levantamento dos edifícios em taipa na área central e bairros circundantes, sendo eles: Jardim Santa Clara, Jardim Santa Cruz, Jardim Russi, Jardim das Nações, Vila Edmundo, Chácara do Visconde, Vila IAPI e Vila Nossa Senhora das Graças.

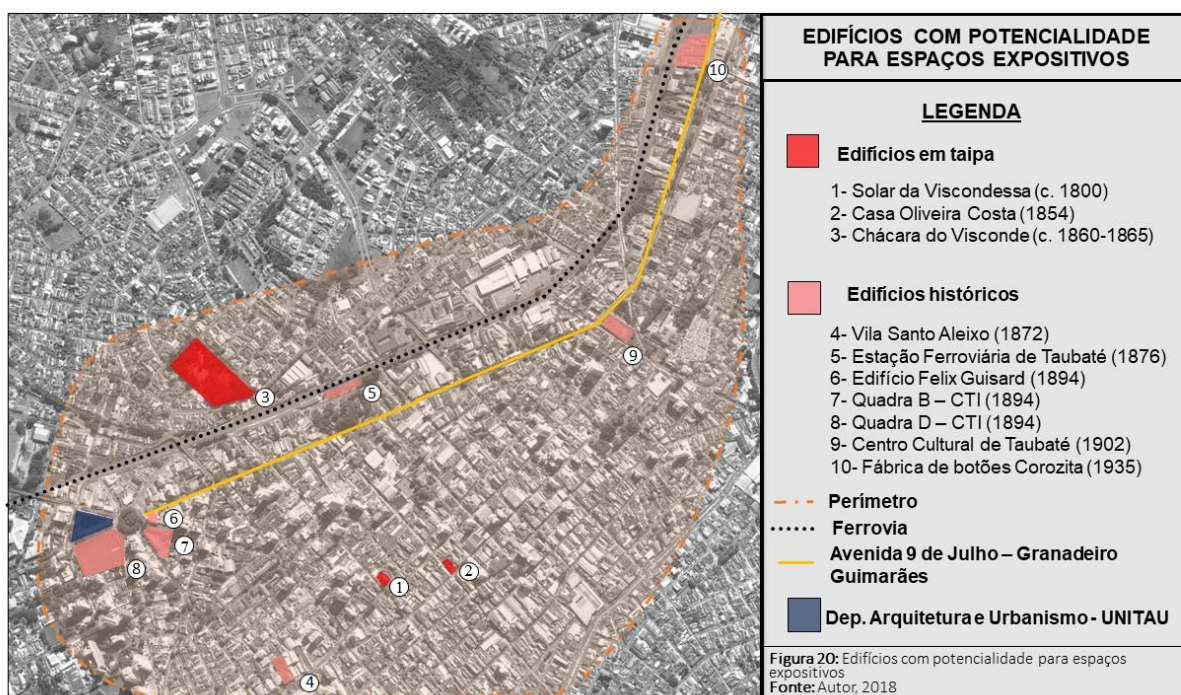
7.3.1. Análise e diagnóstico do levantamento

As construções existentes em taipa são parte da tradição brasileira, fortemente empregada no interior do país, desta forma o levantamento mostrou que essa tipologia de construção aparece com o surgimento da própria cidade. Muitas dessas construções são religiosas, como a Catedral São Francisco de Chagas e o Convento Santa Clara. Em certos edifícios houve um cuidado maior e preservação da estrutura em taipa, um exemplo disso é o Solar da Viscondessa de Tremembé, construção restaurada que hoje abriga o Centro de Documentação Histórica da Unitaú. Porém encontra se também um mal exemplo, a Casa Oliveira Costa, tombada pelo CONDEPHAAT não vêm sendo preservada e é utilizada de forma inadequada, hoje abrigando uma balada.

A maioria das construções estão localizadas no primeiro núcleo de fundação da cidade, sendo elas, as construções mais antigas de Taubaté.

7.4. Levantamento de edifícios com potencial para espaços expositivos na área central de Taubaté

Foram selecionados dentre os edifícios dos levantamentos anteriores, os edifícios com maior potencialidade para abrigar espaços de exposições artísticas na área central e bairros circundantes de Taubaté, como mostra a figura 20:



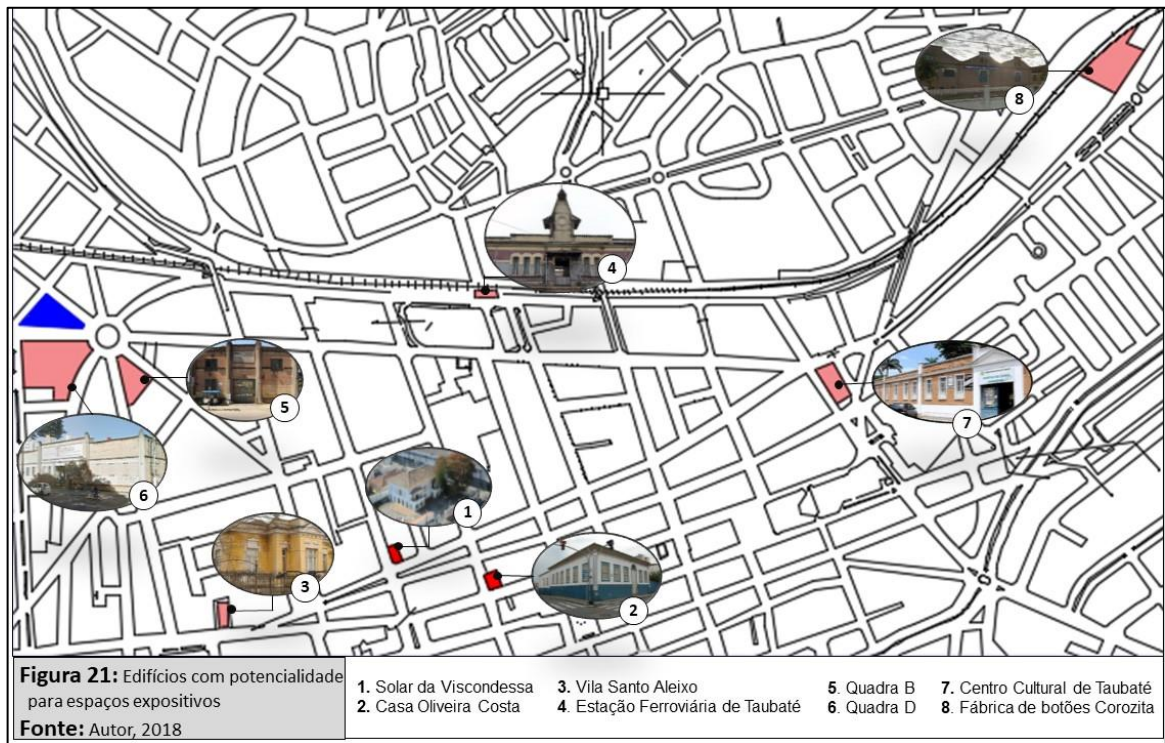
7.4.1. Análise do levantamento

Esse levantamento tem por objetivo pontuar áreas estratégicas para a implantação de espaços com exposições interativas na cidade. Foram filtrados os edifícios em taipa e históricos nos quais teriam potencial para abrigar espaços expositivos e intervenções artísticas ao longo da área central e seus bairros circundantes.

Foram selecionados oito edifícios que poderiam ser contemplados com o núcleo expositivo de forma que atendesse alguns quesitos para se abrigar esse tipo de espaço. Sendo eles, o Solar da Viscondessa de Tremembé, Casa Oliveira Costa,

Vila Santo Aleixo, Estação Ferroviária de Taubaté, Quadra B e Quadra D – Complexo da CTI, Centro Cultural e a Fábrica de botões Corozita.

Na figura 21 percebe se diversas tipologias arquitetônicas, com variadas composições de espaço.



7.5. Análise edifícios com potencial para espaços expositivos

Esta análise surge da necessidade de entender a relação do edifício com a dinâmica urbana de Taubaté para que possibilite um entendimento maior da situação afim de dar subsídio no momento de escolha do edifício para abrigar o espaço expositivo.

7.5.1. Solar da Viscondessa de Tremembé (c. 1800)

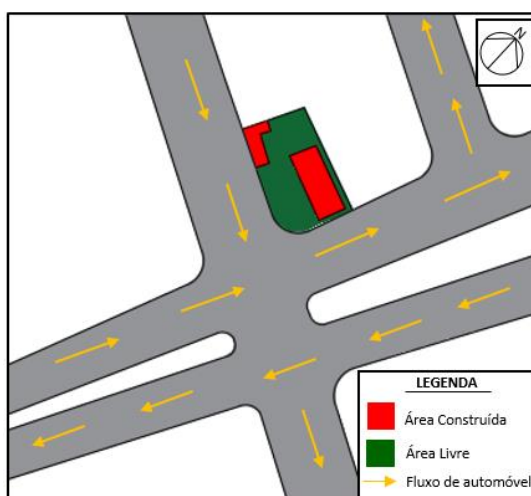


Figura 22: Levantamento: Solar da Viscondessa

Fonte: Autor, 2018.

O Solar, construído em taipa, se encontra no centro da cidade de Taubaté, no primeiro núcleo da cidade. Atualmente, abriga o Centro de Documentação Histórica da Unitaú, o edifício é restaurando e está em boas condições.

O edifício apresentar área interna e externa em boas condições, o fluxo de carros é contínuo e o edifício não se encontra perto de praças ou ambientes abertos.

7.5.2. Casa Oliveira Costa (1854)

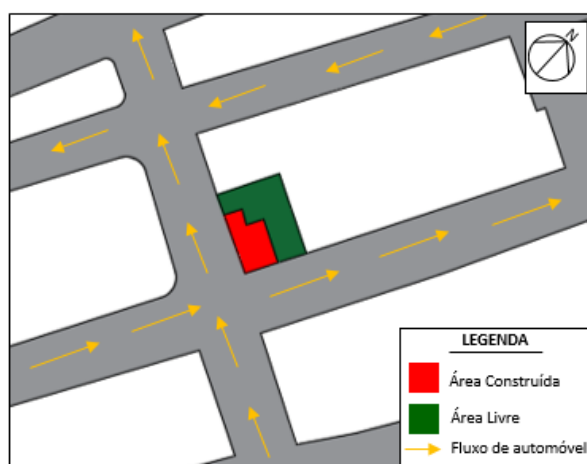


Figura 23: Levantamento: Casa Oliveira Costa

Fonte: Autor, 2018

Como dito anteriormente, a Casa Oliveira Costa, tombada pelo CONDEPHAAT, se encontra em estado de total descuido, abrigando uma balada.

Apresenta área interna e externa, porém o ambiente é contido, sem haver a liberdade de ampliação para o espaço expositivo ou algo similar. O edifício se encontra na área central da cidade e há intenso fluxo de carros no local.

7.5.3. Vila Santo Aleixo (1872)

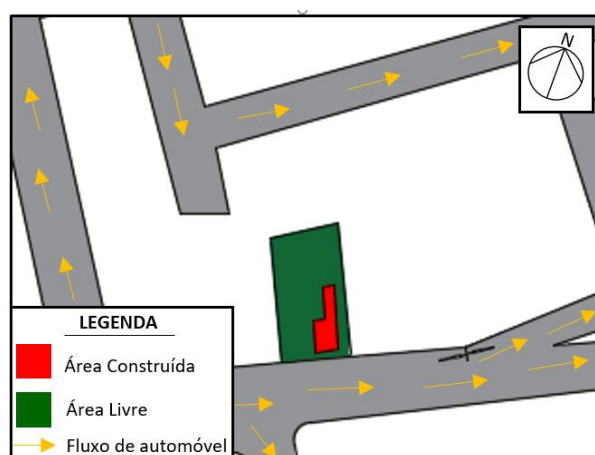


Figura 24: Levantamento: Vila Santo Aleixo
Fonte: Autor, 2018

Outro caso de descuido, é a Vila Santo Aleixo, o edifício está abandonado, não passa por manutenção e sua estrutura está comprometida. Possui ótima área externa e o casarão em estilo eclético se destaca junto ao jardim. Localiza se próximo à Praça Santa Terezinha, praça com grande área livre.

7.5.4. Estação Ferroviária de Taubaté (1876)

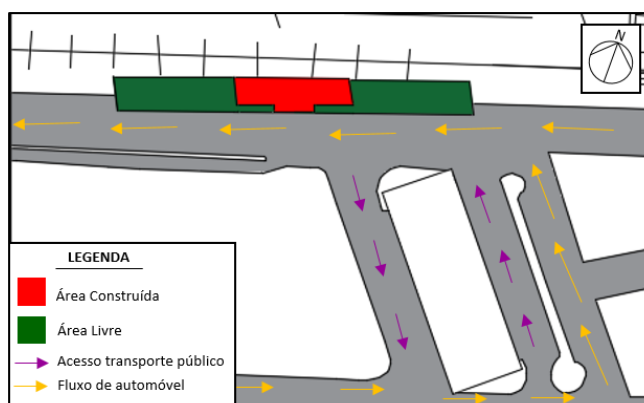


Figura 25: Levantamento: Estação Ferroviária de Taubaté
Fonte: Autor, 2018

A Estação Ferroviária se encontra em uma boa localização, próximo de praça e da rodoviária. Seu espaço interno não é muito amplo, porém seu espaço externo acaba compensando.

No momento a estação está fechada, em mal estado de conservação. Edifício este, muito significativo para a história da cidade.

7.5.5. Quadra B – Complexo da CTI (1894)

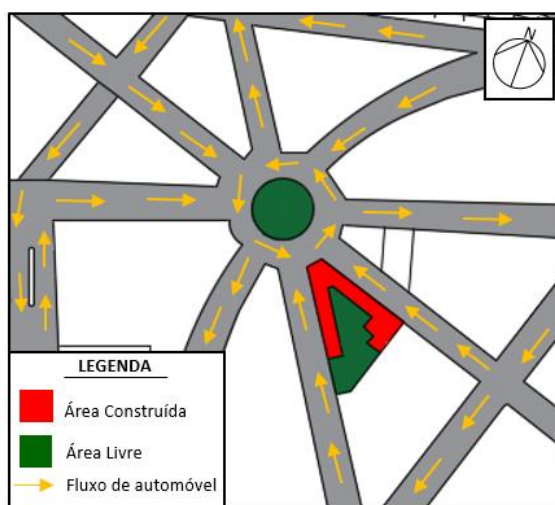


Figura 26: Levantamento: Quadra B

Fonte: Autor, 2018

A quadra B, assim como todo o complexo da CTI é uma grande herança fabril de Taubaté. Tem um significado muito grande da história da cidade.

Por se ter uma arquitetura e composição voltada a fábrica, o galpão tem ótima estrutura para abrigar um espaço expositivo. É composto também por área interna e externa significativa. É próximo a uma área verde, na frente da quadra. A praça Félix Guisard.

7.5.6. Quadra D – Complexo da CTI (1894)

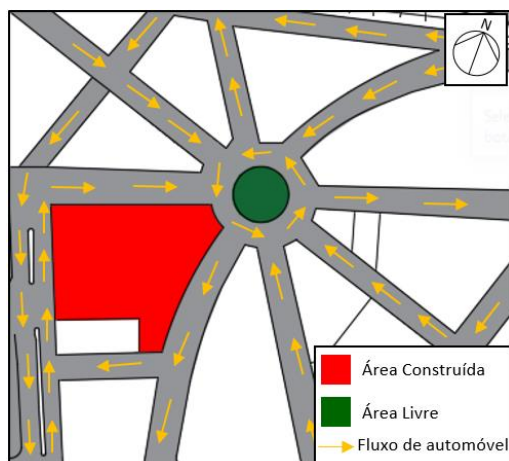


Figura 27: Levantamento: Quadra D

Fonte: Autor, 2018

Com os mesmos atributos que a Quadra B, a Quadra D também tem ótima estrutura. Espacialidade favorável para exposições artísticas. A Praça Félix Guisard também se encontra na frente do edifício, podendo de certa forma conecta-las de alguma forma.

Neste caso, a Quadra D tem menos áreas livre, ao contrário da Quadra B, porém seu galpão tem vãos livres, permitindo uma flexibilidade maior na hora de se pensar o projeto.

7.5.7. Centro Cultural de Taubaté (1902)

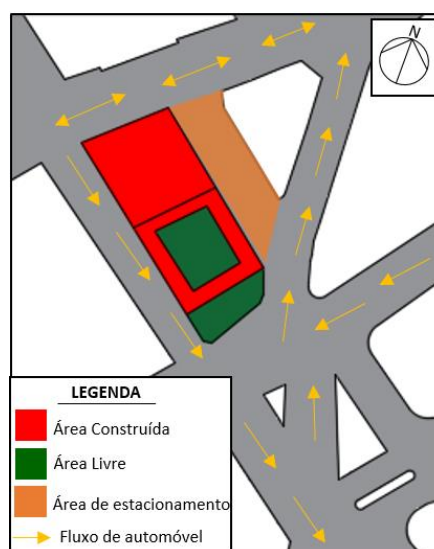


Figura 28: Levantamento: Centro Cultural de Taubaté

Fonte: Autor, 2018

O Centro Cultural apresenta boa composição de ambiente construído e ambiente livre, tanto na parte interna do edifício quanto nas áreas que circundam a construção. Próximo a muitas áreas verdes e ainda contém uma área de estacionamento na fachada principal da construção.

Fluxo constante de carro, mas como tem muitas áreas livres ao redor, o ambiente é consideravelmente calmo.

7.5.8. Fábrica de botões Corozita

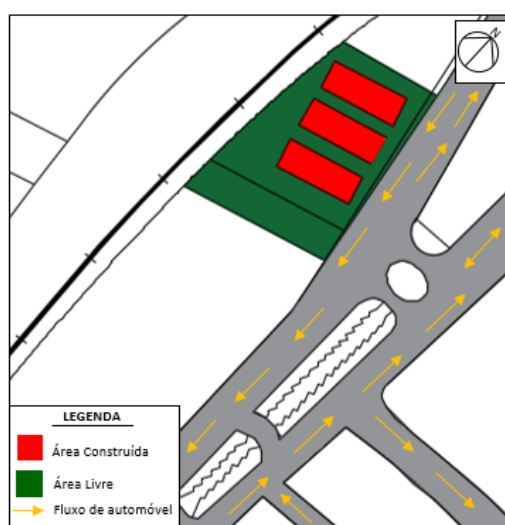


Figura 29: Levantamento: Fábrica de botões Corozita
Fonte: Autor, 2018

A Fábrica de Botões Corozita, uma área boa interna e externamente, está localizada em um dos bairros circundantes, mas ainda inserido na área central de Taubaté.

Sua escala industrial permite a flexibilidade para locação de espaços expositivos, os edifícios são cercados de área verde e o fluxo é sempre intenso nessa área.

8. Parâmetros de escolha dos edifícios para abrigar espaços expositivos

Com todo o embasamento teórico levantado, análises de estudos de caso e considerações para adequação de um espaço expositivo em um edifício já existente, foram seguidos alguns parâmetros para a escolha da área que futuramente possa

abrigar um espaço de exposições interativas na cidade, esses parâmetros foram retirados de projetos executados anteriormente e que foram seguidos como forma de se obter uma base para se resultar em uma concepção e desenho que atinja as expectativas de forma satisfatória.

“Para a criação destes espaços, por vezes, devem se ponderar demandas antagônicas tais como, grandes ou pequenas áreas, claridade ou escuridão, silêncio ou ruído, cores ou neutralidade.” (LIMA, 2015)

É necessário que o espaço seja capaz de abrigar exposições tanto permanentes como itinerantes de forma que dialogue com o edifício em questão, também é recomendado uma grande área livre para que se possa estruturar com liberdade as exposições sem interferir no espaço edificado. (CARVALHO. João P. R. S., 2012). Segundo CARVALHO (2012), é necessária a qualificação da relação entre espaços interiores e exteriores, promovendo flexibilidade nos tipos de usos.

“O rigor da exposição conjuga-se com o respeito pelo espaço e pelos materiais existentes, evitando falsos ambientes, a reconversão do percurso do museu provém de um diálogo contínuo entre o antigo e o novo”. (Polano, 1991, p. 286).

8.1. Programa de necessidades

Deve se levar em conta algumas considerações básicas para o projeto desses espaços, o programa deve estar diretamente relacionado com a estrutura tamanho do ambiente e sua formalidade¹.

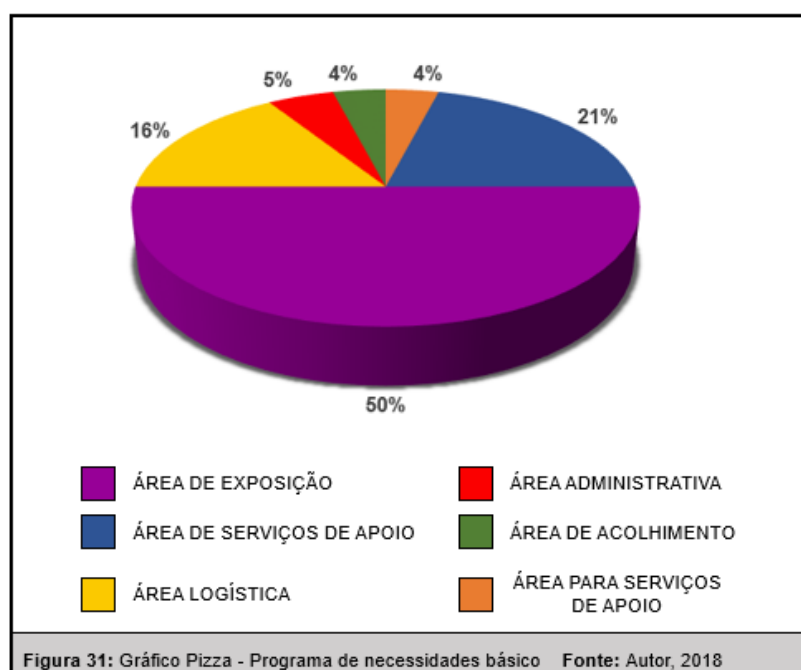
Na figura 30 é mostrado uma sugestão de programa básico para ser seguido:

¹ A formalidade é relativa a proposta da exposição e as obras que serão abrigadas, se há necessidade de luminosidade e temperaturas controladas no ambiente.

TABELA DE PROGRAMA DE NECESSIDADES BÁSICOS DE UM ESPAÇO EXPOSITIVO
<ul style="list-style-type: none"> • Entrada: Recepção, bilheteria, lojas, café, sanitários, guarda-volumes. • Exposição Temporária (subdividida em áreas de Exposição, conforme a Tipologia adotada) • Exposição Permanente (subdividida em áreas de Exposição, conforme a Tipologia adotada) • Setor Educacional: salas de aula, miateca, acervo de leitura, teatro/anfiteatro. • Setor administrativo: administração, curadoria, conservação, direção, etc. • Setor de Apoio: salas de reunião para workshops, laboratórios de conservação e documentação, apoio a fotografia (câmara escura, sala de secagem) • Depósitos:/Acervo Técnico Acervo restrito, Acervo Temporário, Acervo Permanente. Área de Segurança, Guarda de Coleção para Transporte, Áreas de Inspeção. • Manutenção predial: Funcionários, Material de Limpeza, Depósitos, Vestiários, Copa. • Áreas técnicas: salas técnicas para hidráulica, elétrica, telefonia, dados e voz, ar condicionado, pressurização escadas, sistema de prevenção de incêndio, poço do elevador, acesso ao reservatório inferior (todas no subsolo). No Ático/cobertura, Caixa d'água, casa de máquinas de elevador, ar condicionado (dependendo do sistema de condicionamento de ar a ser adotado)
Figura 30: Programa de necessidades básico

Como dito anteriormente, dependendo da formalidade das exposições que serão locadas no espaço, a rigorosidade no cumprimento do programa de necessidades básico pode aumentar.

A figura 31, mostra seis ambientes para a organização desses espaços:



Esses fatores contribuem para a otimização e dinâmica bem resolvida entre objeto e visitante, de forma que possa se estabelecer áreas que favoreçam a interação e imersão dos observadores, e o levarem a experiências singulares.

8.2. Escolha do edifício

Após estudo aprofundado dos edifícios que poderiam abrigar o espaço expositivo, tornou se mais claro que o edifício mais apropriado para o cumprimento das atividades de forma satisfatória, seria a Quadra D, do complexo da CTI. Onde sua espacialidade e estrutura de vãos livres, permitiriam a dinâmica do espaço com as atividades postas. Sendo esse edifício também, grande parte da história da cidade. Permitindo assim, propor um novo uso para o espaço de forma a valorizar a arte juntamente com o edifício.

9. PROPOSTA

Por meio deste trabalho de pesquisa e seu embasamento teórico levantado, a proposta inicial do trabalho consiste primeiramente na elaboração de um projeto para um espaço expositivo interativo, no qual é usada a tecnologia como ponte entre o visitante e o objeto exposto como forma de quebrar barreiras e aproximar a arte da população como um todo, não apenas de uma massa privilegiada. No âmbito urbanístico, a ideia é levar intervenções e elementos artísticos para onde menos se espera, para lugares cotidianos da cidade.

O antigo galpão da Quadra D, corresponde positivamente como um espaço apropriado para abrigar exposições interativas e imersivas onde o próprio edifício é parte da exposição com sua estrutura aparente (como pilares, vigas e estrutura do telhado) e contando com elementos digitais auxiliares, como painéis para projeção da arte, mesas digitais, geodésicas interativas e espaços multissensoriais, como forma de aprimorar as experiências dos visitantes no espaço.

A ideia de organização do espaço, é deixar o ambiente o mais livre possível de barreiras visuais como forma de valorização da arquitetura fabril e do patrimônio industrial existente na Quadra D fazendo com que o edifício seja parte da exposição. Os elementos implantados posteriormente, tem como objetivo o mínimo de impacto visual no espaço, sendo assim o uso de paredes de cores neutras e não fixas, escada metálica e mezanino para contemplação da arte de uma outra perspectiva, mas sem um impacto significativo na percepção do próprio edifício e de seus elementos. A única área externa do edifício, é contemplada pelo gerador que também fará parte de atividades expositivas e dará acesso à saída do espaço.

Como forma de inserção da arte na cidade, a Ciclovia de Arte Urbana tem o objetivo de transformar a cidade em um ambiente mais afetivo diminuindo as distâncias entre elementos artísticos e a população como um todo. Seu itinerário passa por outros edifícios importantes da cidade levando arte digital para esses espaços afim de os valorizar.

9.1. Fluxograma da proposta



Figura 40: Fluxograma
Fonte: Autor, 2018

O fluxograma apresentado na figura 40, foi elaborado pensando na espacialidade e estrutura existente na Quadra D, afim de integrar o galpão com sua planta livre e a área externa onde se encontra o Gerador. A implantação de um mezanino, foi uma estratégia tomada, para não segregar o ambiente e criar um novo espaço, visto que o galpão da Quadra D possibilita o pé direito duplo.

9.2. Considerações projetuais

9.2.1. Planta pavimento térreo, Mezanino e área externa

As disposições dos ambientes se deram a partir da premissa de evitar ao máximo a segregação do espaço e permanecer com as características do galpão em primeiro lugar. O hall de entrada recebe os visitantes em uma área com bilheteria para compra de ingressos, informações e orientações antes de entrar no ambiente expositivo, também conta com área de guarda volumes, sala de inclusão e banheiros, dando também acesso ao setor administrativo e de apoio, porém para haver uma separação entre esse último setor, foi pensado em uma parede falsa onde deixa esse acesso um pouco mais discreto.

A área principal do projeto se concentra na Galeria I, no qual tem a maior espacialidade e uma planta livre, os elementos que auxiliam no dinamismo da exposição orienta o todo o ambiente. O intuito é que o edifício faça parte da exposição, transformando a Quadra D e as atividades inseridas nele, em um só. A Galeria II, voltada para exposições itinerantes se encontra mais reservada e com uma menor espacialidade. A esse ambiente, tem acesso direto para a área técnica e área de manutenção e é nessa área onde se encontra o acesso de entrada exclusiva para obras de arte, é necessário haver uma entrada exclusiva nesta situação, pois o fluxo precisa ser único e direto. Junto a área de exposição foi implantada a loja e produtos relacionados ao ambiente como um todo.

O mezanino está implantado acima da loja, indo até a área administrativa, tem o objetivo de ser um ambiente de contemplação das exposições de um outro ângulo. Também na área de mezanino, se encontra os banheiros principais, as salas de oficinas com o objetivo de incentivar palestras e outras atividades, possibilitando aos visitantes não apenas a experiência expositiva, permitindo uma permanência maior de pessoas no espaço. O acervo, no mezanino tem acesso ao pavimento térreo por meio de uma plataforma elevatória para acesso exclusivo de obras, facilitando o veículo da arte. No final do mezanino foi pensado em uma galeria multissensorial, afim de transformar a experiência dos visitantes não apenas em experiência visual, mas de diversas sensações, área essa voltado para portadores de deficiências.

A área externa se dá pela loja, onde se encontra o gerador e foi pensado em um café/jardim para a área, integrando e diminuindo a distância da história da cidade, contada pelo gerador, com um ambiente externo de maior permanência. Esse último ambiente se encontra a única saída dos visitantes, fazendo-os circularem por toda a área expositiva, antes de sair definitivamente.

A saída leva diretamente para o começo da ciclovia de arte urbana, permitindo os visitantes continuarem as experiências, agora no âmbito urbano.

9.2.2. Conforto Ambiental

Para um ambiente específico que recebe obras de arte e equipamentos digitais em grandes proporções, se faz necessário pensar na climatização do espaço de forma que o calor não prejudique nenhum fator da exposição, por conta dos SHEDS em todo o galpão, a maior parte do tempo, o ambiente é quente e o ar abafado. Posto isso foi pensado na instalação de dutos de ventilação, figura 41, que passasse pelos ambientes afins de tornar a temperatura mais amena, o esquema mostra a distribuição dos dutos de forma a forçar o ar condicionado passar por todos os ambientes.

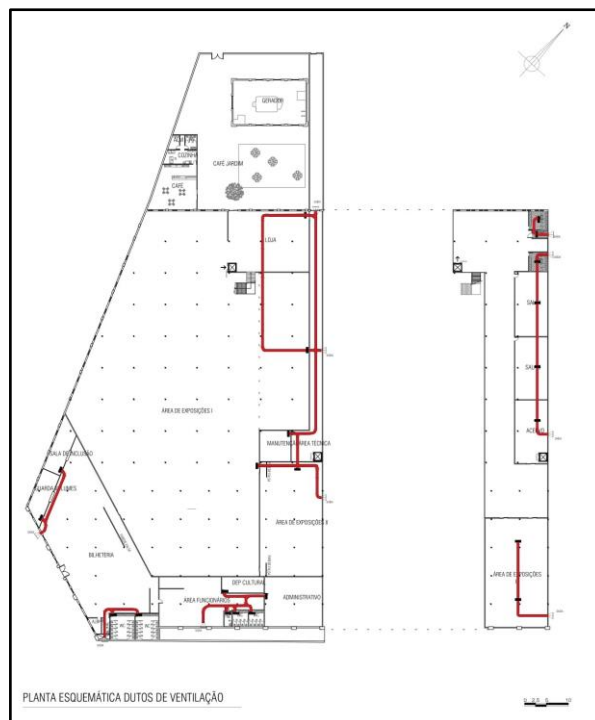
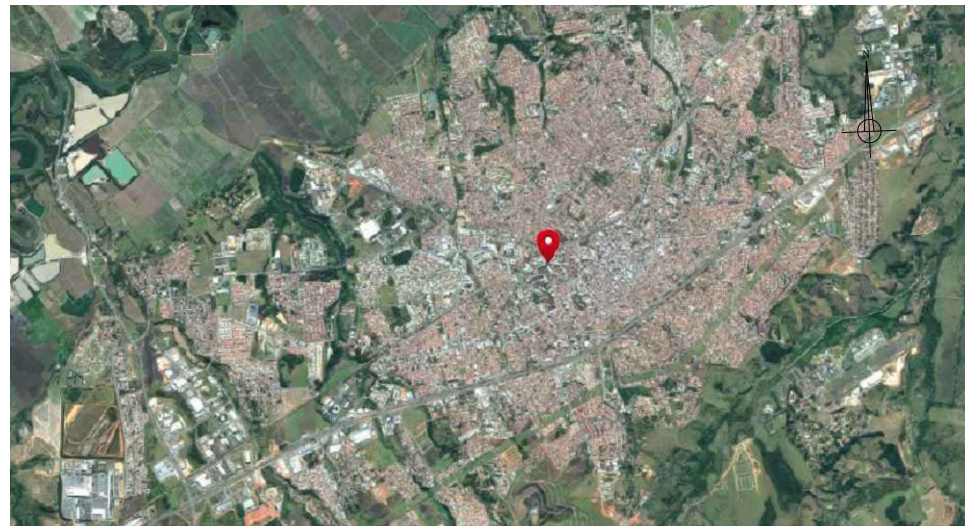


Figura 41: Esquema de dutos de ventilação no ambiente.

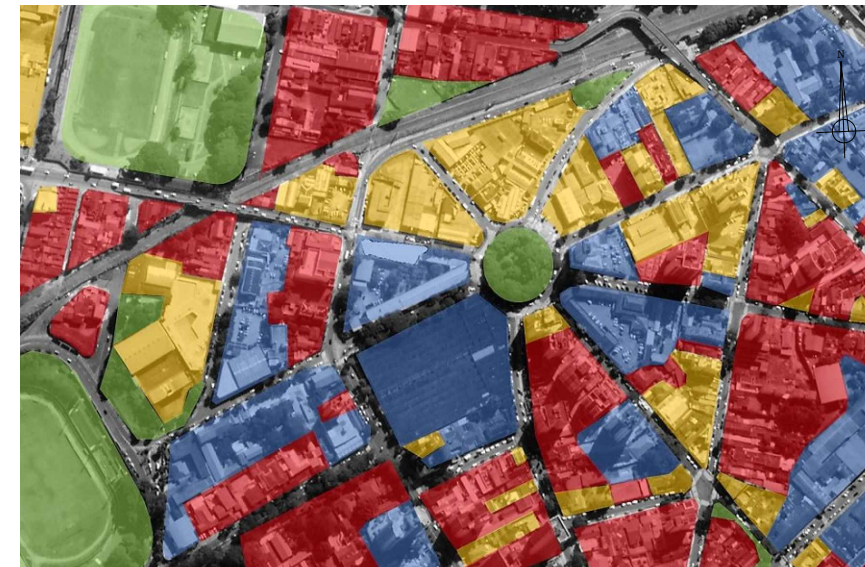
Fonte: Autor, 2018

9.2.3. Equipamentos auxiliares

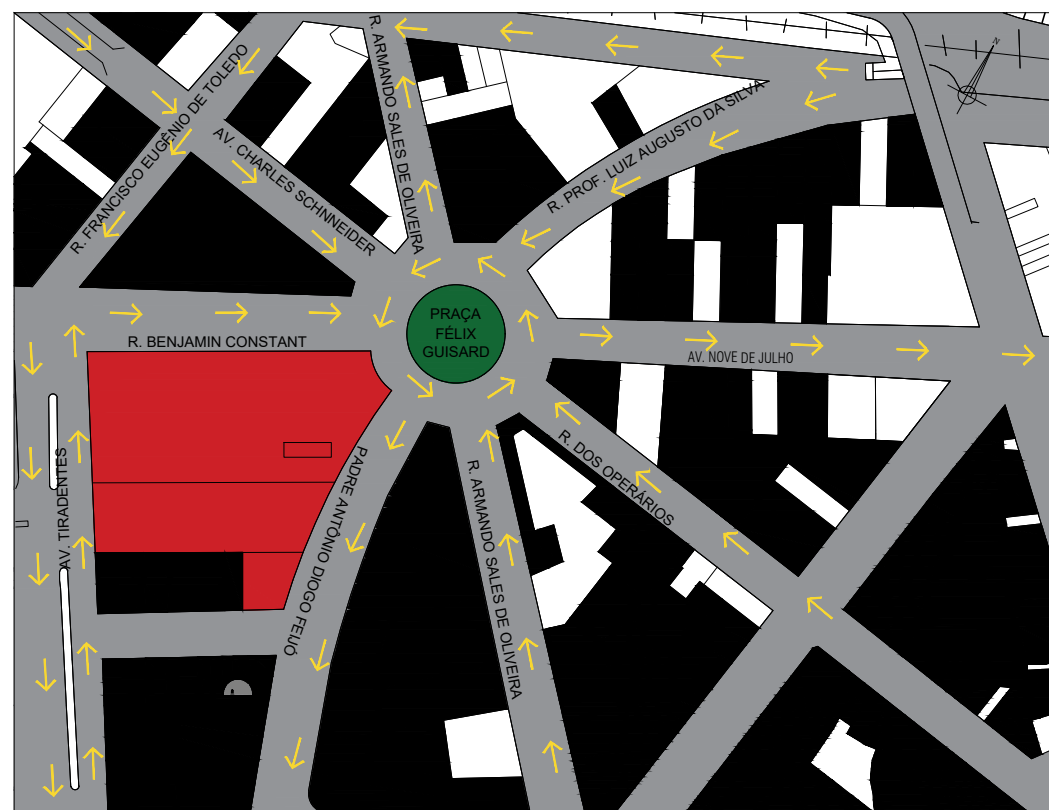
Equipamentos foram pensados para valorizar o espaço expositivo, como mesa digitais interativas, grandes painéis revestidos com manta de LED onde há a dinâmica constante de imagem, projeções em todos elementos do espaço e geometrias digitais. Esses elementos foram pensados para não serem fixos, com o objetivo de sempre estar mudando o ambiente e permitir qualquer forma de curadoria de exposição no local. A premissa a ser levada em conta é utilizar da tecnologia e esses elementos dinâmicos como uma ponte entre os visitantes e a arte em si. Transformando a forma de se ver espaços expositivos atualmente.



MANCHA URBANA - TAUBATÉ/SP



USO DE SOLO



QUADRA D - LOCALIZAÇÃO E FLUXOS

ÁREAS	M ²
QUADRA D (TOTAL)	14.666 m ²
PROJETO (TOTAL)	6.750 m ²
COBERTURA	5.395m ² + 186 m ²
GERADOR	186 m ²
ÁREA EXTERNA	1.008 m ²

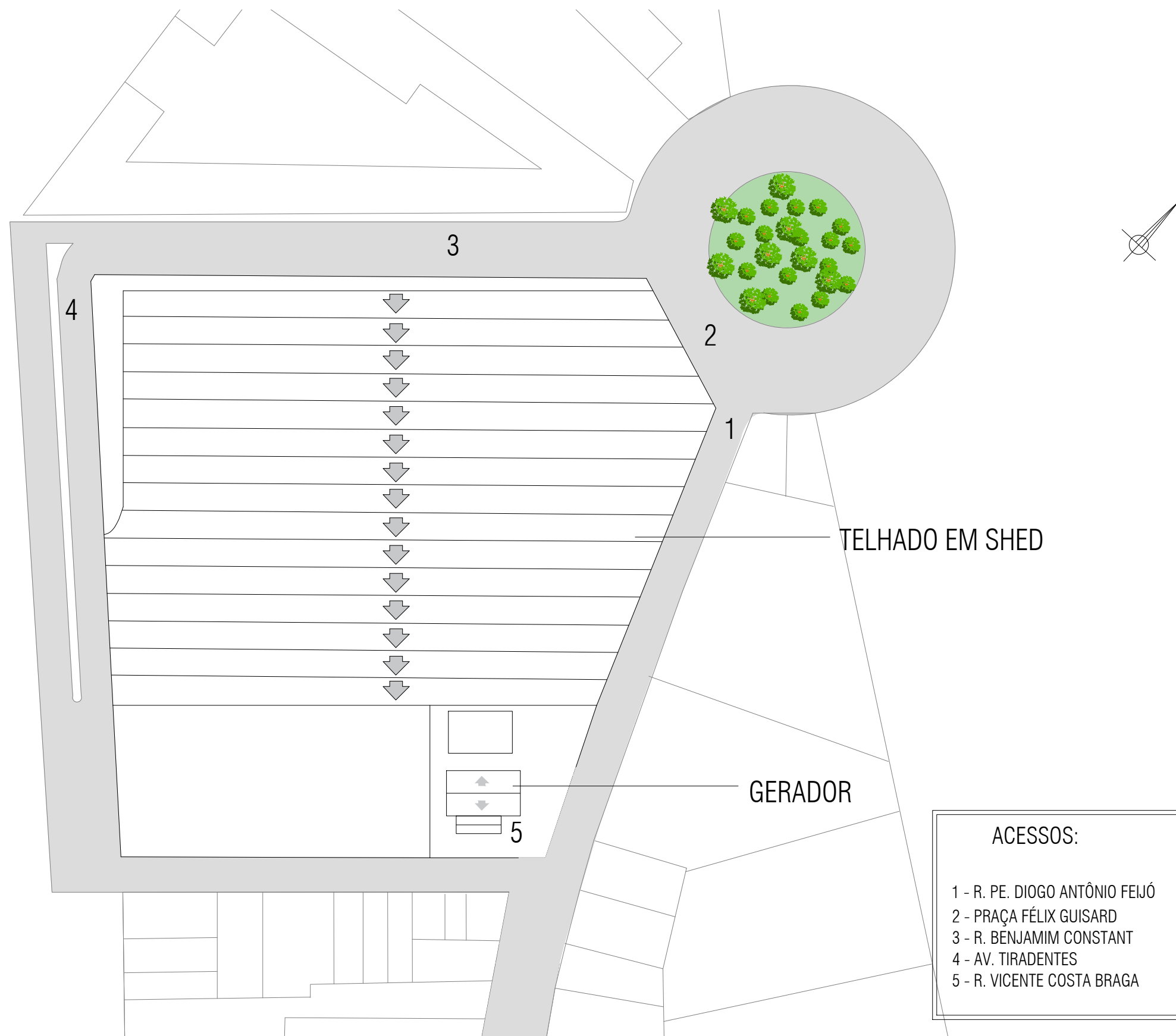
QUADRO DE ÁREAS



MAQUETE ELETRÔNICA - QUADRA D

PLANTA DE COBERTURA

FOLHA 2/7

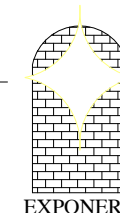


ACESSOS:

- 1 - R. PE. DIOGO ANTÔNIO FEIJÓ
- 2 - PRAÇA FÉLIX GUIARD
- 3 - R. BENJAMIM CONSTANT
- 4 - AV. TIRADENTES
- 5 - R. VICENTE COSTA BRAGA

ESCALA 1/1000

UNITAU - DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
QUADRA D: PROJETO PARA UM ESPAÇO EXPOSITIVO INTERATIVO
NOME: JÚLIA MARI NASCIMENTO DE LIMA / ORIENTADORA: DRA. MARIA DOLORES ALVES COCCO



CONCEITO E PROGRAMA DE NECESSIDADES

FOLHA 3/7

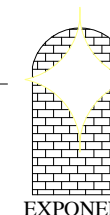
GALERIA EXPONERE

O CONCEITO DO PROJETO TEM COMO FOCO PRINCIPAL, A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO DANDO UM NOVO USO PARA O ESPAÇO, NESTE CASO, NOVOS CONCEITOS DE ESPAÇOS EXPOSITIVOS, QUE USAM A TECNOLOGIA COM PONTE ENTRE OS VISITANTES E A ARTE. EXPOSTA. A IDEIA É ABRIGAR NOVAS FORMAS DE EXPOSIÇÕES, SENDO ELAS IMERSIVAS, INTERATIVAS E MULTISSENSÓRIAS, DE FORMA QUE O PRÓPRIO EDIFÍCIO FAÇA PARTE DA DINÂMICA. NA TENTATIVA DE APROXIMAR A POPULAÇÃO DE UMA PARTE IMPORTANTE DA HISTÓRIA DA CIDADE.

OS NOVOS ELEMENTOS IMPLANTADOS NO PROJETO, SEGUEM UMA LINHA PADRONIZADA AFIM DE NÃO DESVALORIZAR A ARQUITETURA FABRIL EXISTENTE NA QUADRA D E NO COMPLEXO DA CTI COMO UM TODO, EVITANDO AO MÁXIMO BARREIRAS VISUAIS, DEIXANDO A PLANTA LIVRE, CARACTERÍSTICA DA ARQUITETURA INDUSTRIAL.

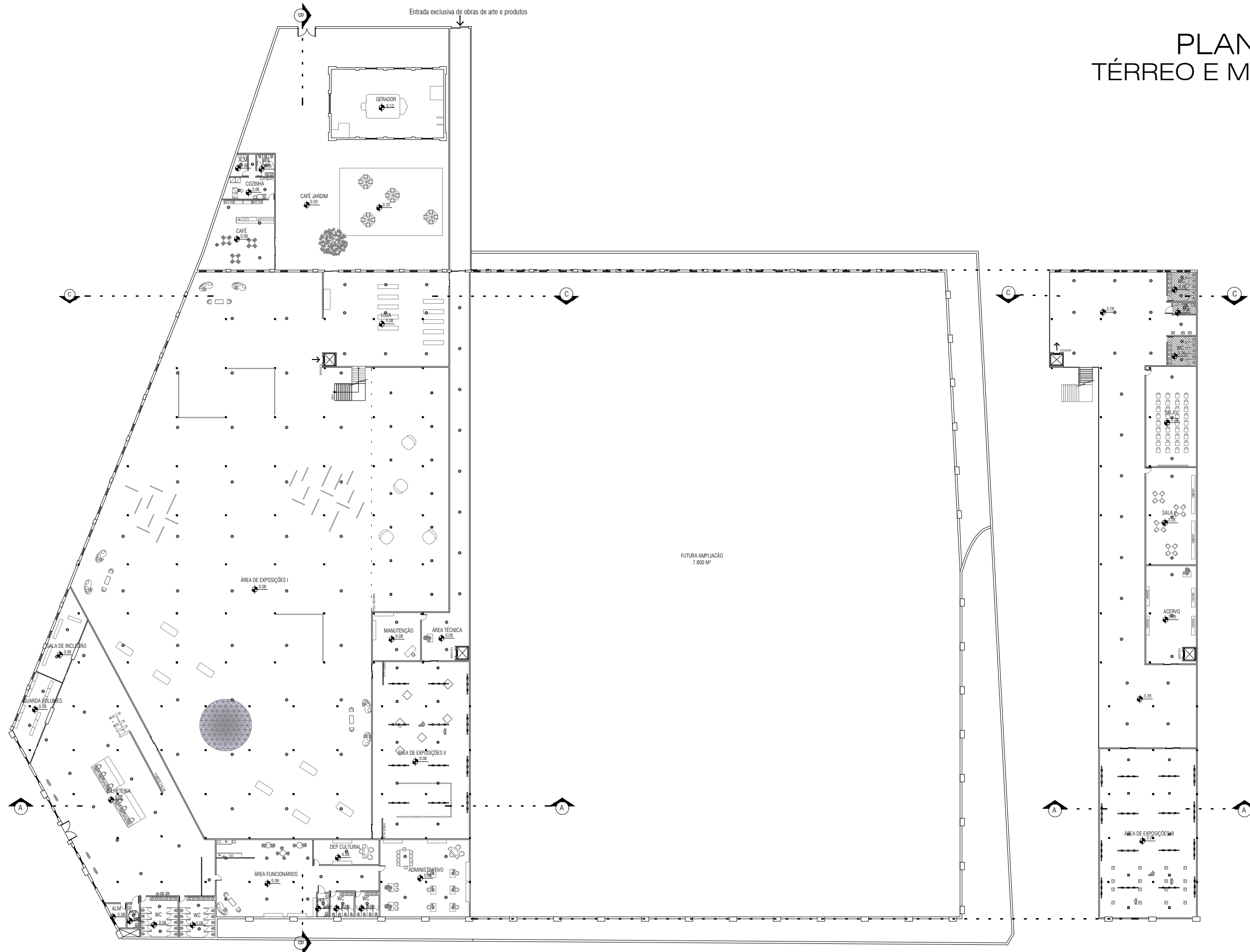
PROGRAMA DE NECESSIDADES					
Nº AMBIENTE	AMBIENTE	QTD.	ATIVIDADE	ÁREA (M ²)	MOBILIÁRIO
1	Bilheteria	1	Entrada e recepção	580	Toten; cadeira; balcão; computador; catraca
2	Guarda volumes	1		44	Armários guarda-volume
3	Sala de inclusão	1	Distribuição de equipamentos	47	Armários
4	Banheiro	7		120	Sanitários e cubas
5	Área funcionários	1		199	Poltrona; armário; mesa; cadeira; balcão
6	Departamento cultural	1	Planejamento de eventos	35	Mesa; cadeira; armário
7	Administrativo	1	Reuniões	148	Mesa; cadeira; armário; computador
8	Almoxarifado	2		14	Prateleiras e armários
9	Manutenção	1	Prevenção	50	Mesa; cadeira; prateleira; ferramentas
10	Área técnica	1	Estudos e acesso ao acervo	50	Mesa; cadeira
11	Acervo	1	Curadoria	103	Mesa; cadeira; prateleiras; armários
12	Área de exposições I	1	Exposições imersivas	3100	Mobiliário interativo
13	Área de exposições II	1	Exposições itinerantes	370	Mobiliário interativo
14	Área de exposições III	1	Galeria multissensorial	350	Mobiliário multissensorial
15	Mezanino (total)	1		1540	
16	Sala I	1	Sala multimídia/palestra	108	Eq. Multimídia; cadeiras; mesa
17	Sala II	1	Oficinas	108	Mesas; cadeiras; armário
18	Loja	1		250	Prateleiras; balcão;
19	Café/Jardim	1		142	mesa; cadeira; balcão
20	Gerador	1		166	

PROGRAMA DE NECESSIDADES



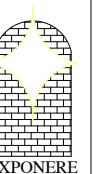
PLANTA TÉRREO E MEZANINO

FOLHA 4/7



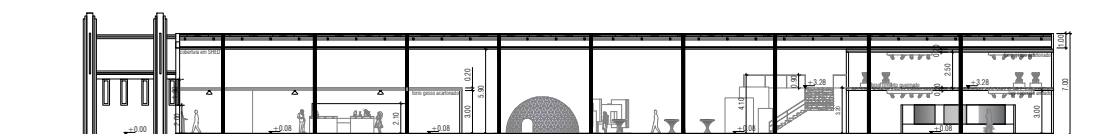
ESCALA 1/500

UNITAU - DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
QUADRA D: PROJETO PARA UM ESPAÇO EXPOSITIVO INTERATIVO
NOME: JÚLIA MARI NASCIMENTO DE LIMA / ORIENTADORA: DRA. MARIA DOLORES ALVES COCCO

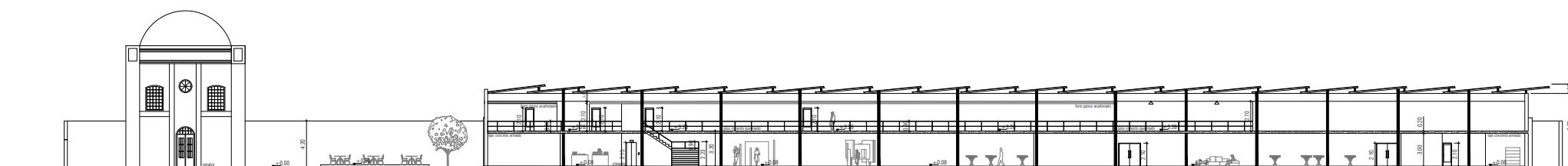


CORTES E VISTAS

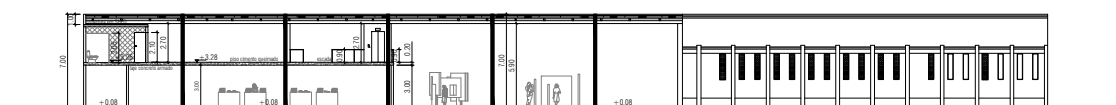
FOLHA 5/7



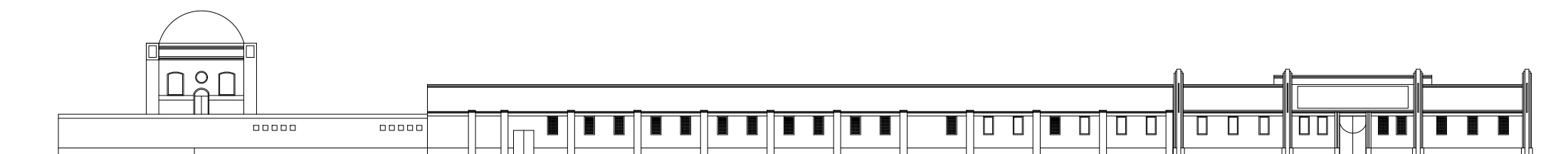
CORTE AA



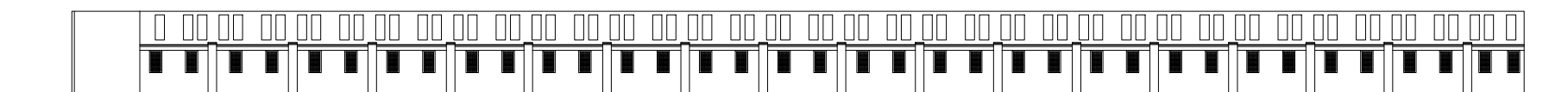
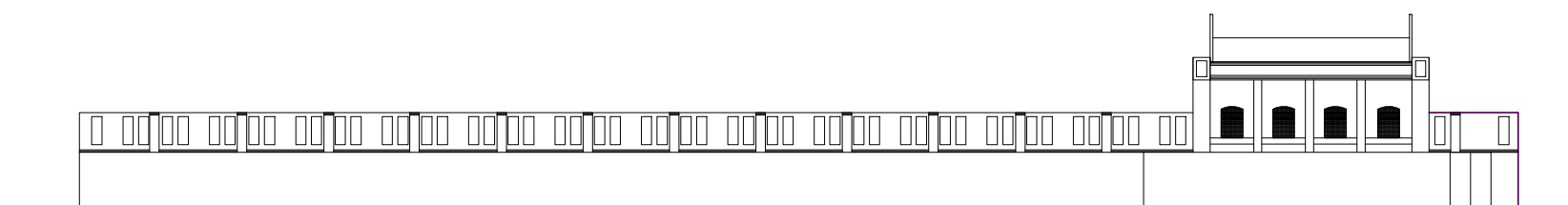
CORTE BB



CORTE CC

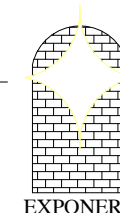


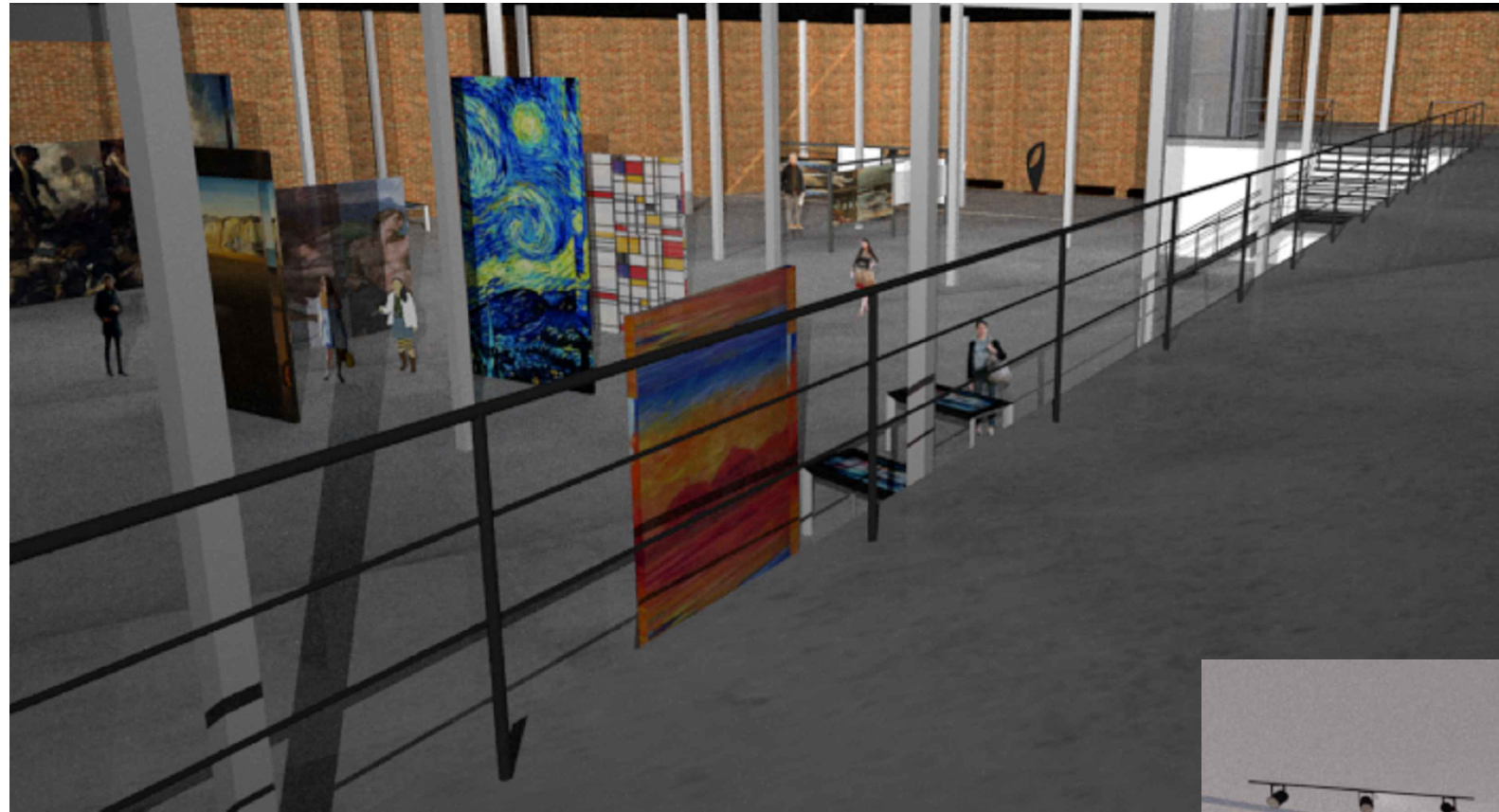
VISTA PLANIFICADA



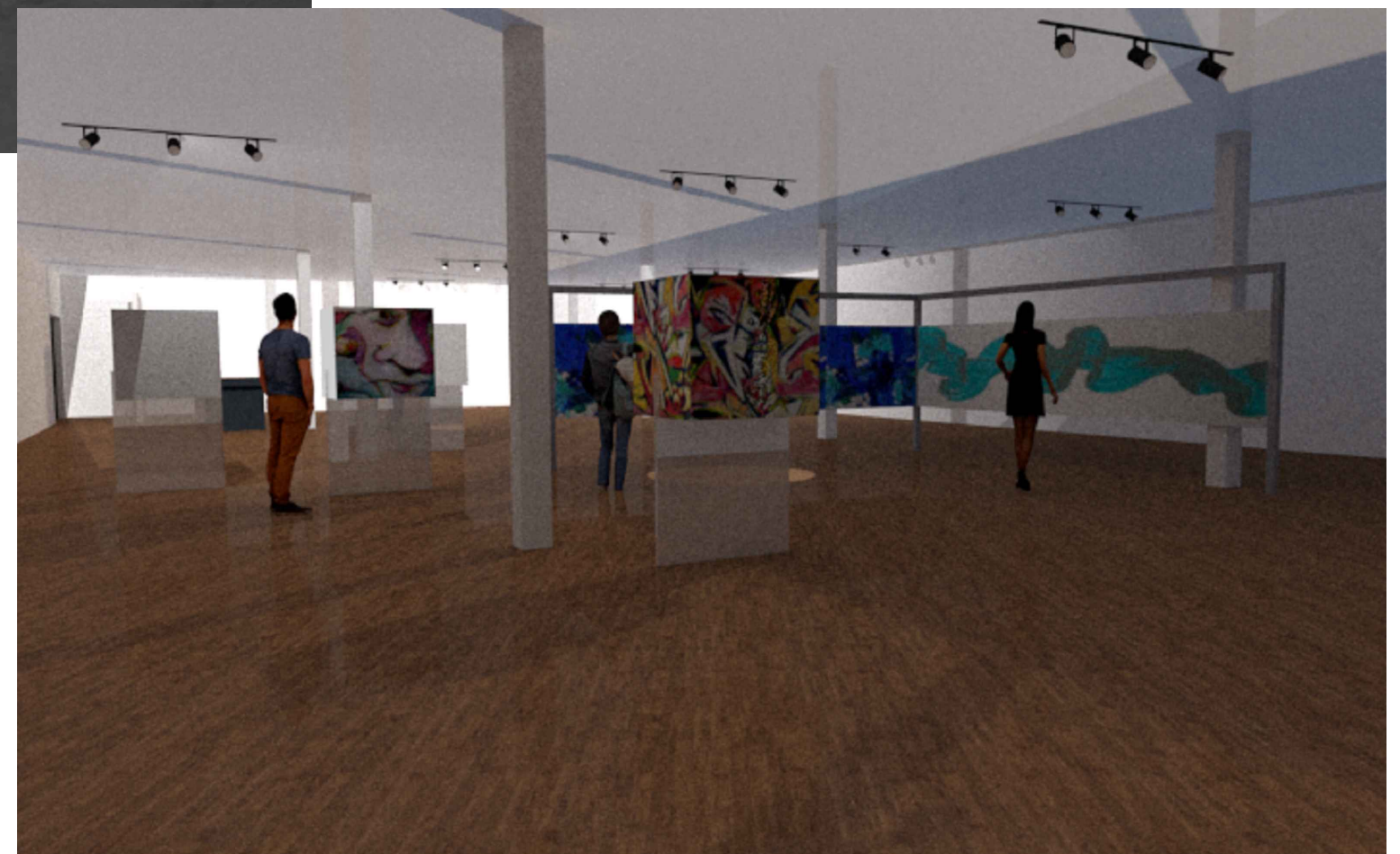
ESCALA 1/500

UNITAU - DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
QUADRA D: PROJETO PARA UM ESPAÇO EXPOSITIVO INTERATIVO
NOME: JÚLIA MARI NASCIMENTO DE LIMA / ORIENTADORA: DRA. MARIA DOLORES ALVES COCCO





MEZANINO COM VISTA PARA A ÁREA EXPOSITIVA LIVRE



GALERIA II - DEDICADA A EXPOSIÇÕES ITINERANTES



ÁREA DE CICLOVIA E PONTOS DE PARADA

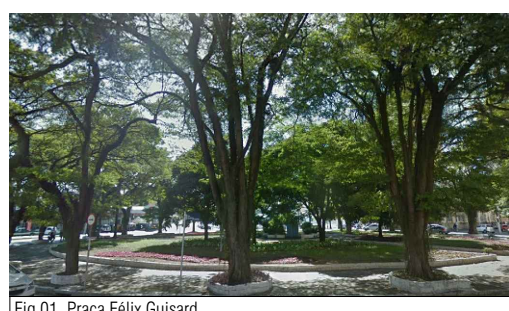


Fig 01. Praça Félix Guisard



Fig 03. Estação Ferroviária de Taubaté



Fig 05. Fábrica de botões Corozita

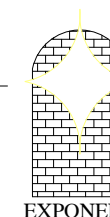


Fig 02. Quadra D - Galeria Exponere



Fig 04. Centro Cultural de Taubaté

UNITAU - DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
QUADRA D: PROJETO PARA UM ESPAÇO EXPOSITIVO INTERATIVO
NOME: JÚLIA MARI NASCIMENTO DE LIMA / ORIENTADORA: DRA. MARIA DOLORES ALVES COCCO



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode se concluir, que a intervenção realizada no edifício da Quadra D contribui para a valorização dos espaços para exposições artísticas e culturais, que tem por objetivo a integração da comunidade como um todo e a sociedade que produz arte, no município de Taubaté com área de influência na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN).

Difundir um espaço expositivo com possibilidades para novas ideias e disseminação de conhecimento, também para a valorização da cultura e história de modo que os visitantes possam entrar no universo particular da obra exposta e tenham uma experiência cognitiva única. Contando com exposições tanto itinerantes como fixas, porém todas interativas.

Existe claramente uma aproximação entre exposições artísticas e a população nessa dinâmica proposta, tornando esses espaços mais acessíveis e mais comuns no cotidiano da cidade de Taubaté.

A integração do antigo e a tecnologia se faz de forma harmoniosa, para se produzir arte em um espaço que conta a história da cidade.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURY, Marília Xavier. Oficina expográfica - IBRAM – Apostila 1. Org. Museu da memória e Patrimônio da Universidade Federal de Alfenas. Patrocinada pelo Inst. Brasileiros de Museus- IBRAM, (2002). Disponível em: <<http://www.unifalmg.edu.br/museumpunifal/files/file/OFICINA%20EXPOGRAFIA%20APOSTILA%2001.pdf>>. Acessado em: 02 jun. 2018.

CARDOSO, M.L.N. Conceptualizando a ideia de exposição – um método de intervenção activo no processo comunicativo. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cardoso-maria-conceptualizando-ideia-exposicao.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

CEPAGRI – Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas à Agricultura. Disponível em: < http://www.cpa.unicamp.br/outras-informacoes/clima_muni_607.html> Acesso em: 4 mai. 2018.

COSTA, R. X. Expografia moderna e contemporânea. Diálogos entre arte e arquitetura. Disponível em: <https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11590/57537_6.pdf?sequence=1>. Acesso 10 abr. 2018

EMPLASA – Empresa Paulistas de Planejamento Metropolitano S/A. Disponível em: <<https://www.emplasa.sp.gov.br/RMVPLN>> Acesso em: 4 mai. 2018.

GONÇALVES, L. Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2004.

INFOPATRIMÔNIO – Preservação do patrimônio cultural brasileiro.
<infopatrimonio.org>. Acesso em 28 mar. 2018

LITTLEFIELD, David. Metric Handbook planning and design data. Oxford:
Architectural Press, 2000

LUPO, Bianca. Tecnologia, materialidade e espacialidade no museu contemporâneo.
Disponível em: <<https://www.biancalupo.com.br/tecnologia-materialidade-espacialid>>. Acesso em: 18 abr. 2018

MENESES, U. T. B. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição
museológica e o conhecimento histórico. Disponível em:
<www.scielo.br/pdf/anaismp/v2n1/a02v2n1.pdf>. Acesso 10 abr. 2018

PDM - Plano Diretor Municipal, Taubaté – SP. Ano 2017.

PÉRIGO, R. Os espaços destinados às artes visuais. Disponível em:
<http://www.fau.usp.br/disciplinas/tfg/tfg_online/tr/121/a075.html>. Acesso em: 13
abr. 2018.

POLANO, S. (1991). Guida all'architettura italiana del novecento. Milão: Electa

VARINE, H (1992). “Le musée au service de l’homme et du développement”.